



PCdoB no rádio e na televisão no dia 23

Pela primeira vez em 64 anos de existência, o partido do proletariado expõe em rede nacional suas propostas políticas. No programa, a defesa do socialismo e da unidade do povo. Pág. 4

Fabulosos lucros dos capitalistas nos últimos anos

Um levantamento sobre o desempenho das indústrias metalúrgicas situadas na região de Osasco, durante os anos de 1983/84, mostra que o arrocho salarial multiplicou o lucro dos patrões. Pág. 7

EDITORIAL

Pacote e luta popular

O Metrô deu um calote nos seus funcionários e não pagou a segunda parte do abono acertado em novembro. Mas a Justiça - subordinada aos interesses patronais - declarou a greve dos metroviários ilegal.

Os preços estão congelados. Mas os bancos passaram a cobrar Cz\$ 9,00 por talão de cheques que antes era de graça ou no máximo custava três mil cruzeiros. A mesma Justiça, cega para certas coisas, não se mexeu.

Os banqueiros estão demitindo milhares de trabalhadores porque o pacote pôs fim aos ganhos extraordinários conseguidos pelos bancos através da correção monetária. O próprio ministro do Trabalho reconheceu esta onda de desemprego mas disse que não pode fazer nada.

Nas farmácias, nas prateleiras dos supermercados, em vários ramos do comércio, estão faltando mercadorias por sonegação dos atacadistas que não aceitam congelar os preços de seus produtos. A Justiça, cega e surda, não se mete com estas coisas. O governo também ameaça, diz que vai intervir, mas cede às pressões e deixa as coisas como estão.

A lista de abusos é enorme. E a inoperância das instituições, quando se trata de contrariar os ricos capitalistas, é impressionante.

O próprio congelamento só se tornou possível devido à mobilização imediata de milhões de pessoas em todos os recantos do país. E mesmo neste caso foram feitas várias tentativas de tirar a população da jogada. Não faltaram inclusive as acusações de "irresponsabilidade" pelo fato deste assunto ficar nas mãos do povo.

A greve pode ser julgada ilegal pelas normas capitalistas. Mas os trabalhadores não têm outro recurso, senão a luta, para obterem os seus direitos. E se não houver ação enérgica do povo contra os especuladores, sonegadores e outros "cavaleiros" que não têm

nenhum escrúpulo quando se trata de defender seus lucros sagrados, nem mesmo as limitadas iniciativas contidas no pacote para enfrentar a inflação serão aplicadas a contento.

As autoridades e patrões tentam vender a imagem que, agora, depois do pacote, ficou instaurada a paz social, que as greves estão abolidas e que os trabalhadores devem aceitar tudo passivamente. Isto não tem a menor correspondência com a realidade. O pacote é uma iniciativa do governo para atacar a inflação. Não é de forma alguma instrumento para desmobilizar o povo. Pelo contrário, só funciona, no que tem de positivo, se contar com as iniciativas populares, como a vida tem demonstrado e como o próprio presidente José Sarney reconheceu.

Mas além disto, o pacote envolve também medidas que prejudicam o poder aquisitivo dos trabalhadores. Quando isto se fizer sentir, seria ingenuidade pensar que eles aceitarão carregar nas costas novos sacrifícios. A luta entre trabalhadores e patrões, entre explorados e exploradores, é uma contingência inerente ao sistema capitalista.

Independente do pacote, questões como o calote do Metrô, as demissões dos bancários, o boicote de produtos pelos açambarcadores, que representam falcaturas e investidas dos capitalistas contra os trabalhadores e contra toda a população pobre, exigem a mobilização das massas para forçar o governo a tomar atitudes.

A situação atual impõe uma vasta campanha de esclarecimento, para mostrar que a sabotagem contra o controle da inflação parte dos empresários. São eles que amealharam riquezas fabulosas com a especulação e que pretendem perpetuar a escalada inflacionária. O que o povo não aceita é arcar com novos arrochos e passar mais fome para dar lucro ao patrão.

Patrões escondem mercadorias para sabotar o pacote

Movidos pela ganância de ampliar ao máximo suas taxas de lucro, os capitalistas estão sabotando o congelamento dos preços. Nos supermercados já faltam vários produtos de consumo popular.

Até mesmo os remédios estão escassos nas farmácias. A sonegação denuncia o mercado negro, mas o governo não tem agido com a devida energia para impedi-la. P.3



Foto: Yone Simidzu

Metroviários protestam contra o calote da Companhia do Metropolitano e decidem retornar ao trabalho na sexta-feira.

Rompimento de acordo e a greve no metrô de SP

Em ato que contou com a participação de cerca de 700 pessoas diante da sede do metrô, os metroviários paulistas protestaram contra a postura da direção da empresa, que rompeu um acordo de pagar um abono para a categoria. Após três dias de greve, que mobilizou praticamente o conjunto dos metroviários, eles decidiram voltar ao trabalho às 0 hora de sexta-feira, com a garantia de que nenhum trabalhador será demitido e que os dias parados serão descontados parceladamente em três meses.

O ato contou com a presença de representantes de

aproximadamente 20 sindicatos, do presidente da Federação dos Trabalhadores Agrícolas de Goiás, Divino Goulart, do deputado federal do PC do B Aurélio Peres, além de representantes da CGT e outras personalidades. Falando de costas para a diretoria do metrô, o deputado operário Aurélio Peres responsabilizou a direção da empresa pelo rompimento do acordo, o que levou à deflagração da greve. Cláudio Spicciati, presidente do Sindicato dos Metroviários, declarou que "os metroviários deram mais um exemplo de unidade e luta".

Bancários em luta contra as demissões

Banqueiros mostram as garras e demitem em massa em todo o país. Categoria se mobiliza e fala em greve geral. Pág.6

Paralisação nos algodoados dobra patrões goianos

Fazendeiros atacavam pineteiros a tiros, mas os colhedores de algodão de Santa Helena não recuaram e venceram. Pág.6



CDM
EUA empurram Honduras para guerra
Centro de Documentação e Memória
Reagan se utiliza de Honduras para seus planos belicistas. P.2
Fundação Maurício Grabois

Tramas de Ronald Reagan contra Nicarágua sandinista

Reagan furioso, esperneia e faz de tudo para que o Congresso aprove uma ajuda de 100 milhões de dólares aos contra-revolucionários nicaraguenses. O povo norte-americano opõe-se a esta ajuda, mas obstinado, o cowboy da Casa Branca chega a dizer que a Nicarágua invadiu Honduras. O presidente da Nicarágua alerta que esta política intervencionista dos Estados Unidos poderá causar uma "vietnamização" da América Central.

A maior causa para o desespero de Ronald Reagan está no fracasso dos contra-revolucionários da FDN (Frente Democrática Nicaraguense). Sem nenhuma base de apoio popular da Nicarágua e totalmente antipatizados pela opinião pública, os **contras** têm sofrido sucessivas derrotas no campo militar. Seus próprios aliados reconhecem isto. Um oficial do exército hondurenho comentava: "Pensávamos que a FDN entraria na Nicarágua para fazer a guerra e ganhá-la. Não foi o que aconteceu. No final do ano passado, milhares de combatentes voltaram para o nosso território".

Diante desse quadro o presidente norte-americano tenta todo tipo de malabarismo para fazer com que o Congresso aprove em nova votação no dia 15 de abril a ajuda de 100 milhões de dólares aos **contras**. A Câmara dos Deputados havia rejeitado o projeto em março, enquanto que o Senado aprovou por pequena margem de votos. Caso persista a divergência entre Senado e Câmara, poderá sair uma solução de compromisso.

PERIGO DE VIETNAMIZAÇÃO

A Casa Branca tem desafiado uma série de acusações, diga-se de passagem sem provas, contra a Nicarágua. A mais retumbante delas foi a de que o exército sandinista teria invadido Honduras. Contudo essa espalhafatosa encenação de Reagan não conseguiu convencer os americanos. O jornal "The Washington Post" e a cadeia de televisão "ABC" fizeram uma pesquisa de opinião mostrando que a maioria da população dos Estados Unidos discorda da ajuda aos **contras**. Vários congressistas norte-

americanos e alguns funcionários da Casa Branca temem que com a derrota dos **contras** seja necessário que tropas estadunidenses participem diretamente dos combates aos sandinistas. E eles ainda guardam na memória o seu trágico envolvimento no Vietnã.

O presidente nicaraguense Daniel Ortega acha que a política belicista de Reagan na região é temerosa. Ele afirmou que "o mais perigoso e grave não é a aprovação da ajuda aos **contras**, pois eles serão derrotados, mas o envolvimento de tropas norte-americanas no conflito da América Central, que acabará provocando a vietnamização da área".

O governo dos Estados Unidos conta com um valioso aliado para seus planos guerreiros: Honduras. Este paupérrimo país - cuja extensão equivale à metade do Estado de São Paulo - serve de base para os mercenários da FDN e para as tropas norte-americanas. Há atualmente 17 bases militares americanas, com um contingente de 1.200 assessores militares permanentes e cerca de 6 mil em manobras bélicas temporárias.

Esta presença estrangeira no país causa sérios problemas à população. Várias colegiais têm sido vítimas dos abusos



sexuais dos soldados norte-americanos. Também disseminaram a AIDS nas regiões onde estão acampados. O médico Juan Alampariz, ex-reitor da Universidade de Honduras, falando sobre as tropas ianques em seu país, desabafou: "Eles só nos trazem miséria e prostituição". Vários setores da sociedade hondurenha demonstraram seu descontentamento com esta situação. A 14 de março os estudantes realizaram passeata pelas ruas de Tegucigalpa exigindo a saída das tropas estrangeiras do país.

Uma outra denúncia é a de que os Estados Unidos estariam usando o território hondurenho para experiências com armas químicas. Evidências disso não faltam. Em fevereiro, um camponês do departamento de Cortes denunciou que um avião negro despejou sobre a população um líquido amarelo, causando problemas respiratórios e feridas na pele. Outros camponeses afirmaram que este avião era idêntico aos usados nas bases militares norte-americanas na região.

HONDURAS:

QUARTEL DOS EUA

Tanto o governo de Córdoba, como o de seu sucessor José Azcona, abriram as portas do país à presença militar norte-americana, com o argumento da prevenção contra o alastramento da revolução sandinista. Desde que os sandinistas derrubaram Somoza na Nicarágua, a ajuda econômica e militar dos EUA a Honduras cresceu muito. Em 1980 esta ajuda foi de 3 milhões de dólares. No período 1984/85 essa cifra atingiu 140 milhões de dólares.

o protecionismo norte-americano é reconhecidamente um dos mais virulentos do planeta. As duas gestões do governo Reagan bateram recordes na abertura de processos contra o aço comprado do Brasil, Coréia do Sul e outros países do chamado mundo subdesenvolvido.

Calçados, têxteis, suco, aço e muitos outros produtos de exportação brasileiro sofrem sérias restrições nos EUA e só são vendidos por preços aviltados em função das barreiras protecionistas. O caráter parasitário da economia ianque, contudo, faz com que, ainda assim, o país seja o principal comprador do mundo, tendo acumulado no ano passado um déficit comercial de 148,8 bilhões (cerca de uma vez e meia a dívida externa brasileira).

As pressões internas pelo aumento das barreiras protecionistas, por isto, são grandes.

As outras tropas estrangeiras acantonadas em Honduras são os mercenários da FDN. Os **contras** são mais conhecidos por suas selvagerias cometidas contra a população civil da área fronteiriça da Nicarágua do que por suas ações bélicas. Até mesmo seus aliados criticam seu comportamento. Edgardo Paz Barnica, até janeiro ministro do Exterior de Honduras, acusou os mercenários da FDN de praticarem atos de pirataria e violência em seu país, dizendo que "eles devem lutar na Nicarágua e não em Honduras".

Desde 1981 os **contras** fracassaram no seu intento de conquistar uma "área livre" dentro do território nicaraguense, mesmo contando com a cobertura dada pelos Estados Unidos. Grande parte de seus efetivos são formados por ex-guardas somozistas - odiados pelo povo nicaraguense - e seus dirigentes estão envolvidos com tráfico de drogas e corrupção. Um exemplo disso é Adolfo Calero, principal dirigente da FDN e amigo pessoal do presidente Reagan. O senador americano Tom Harkin, a semana passada, falou sobre ele: "Conheço Calero há muitos anos e sei que é movido apenas pela cobiça e pela ambição do poder. Posso apostar até meu último centavo como Calero e sua família estão se apoderando do dinheiro". (Domingos Abreu)

Tramitam no Congresso mais de 100 projetos que visam impor novas sobretaxas às importações, fato que é usado para chantagear os países dependentes, forçados a gerar grandes superávits na balança comercial para fazer frente ao pagamento dos juros de suas dívidas externas.

No fundo da retórica norte-americana encontra-se o interesse em manter as condições para reproduzir os mecanismos de espoliação imperialista. Os monopólios não podem tolerar qualquer tentativa de desenvolvimento independente das economias que hoje têm sob controle. A lei de informática brasileira contradiz esses interesses, da mesma forma que não serve aos objetivos imediatos dos capitalistas norte-americanos que investiram neste setor precisam da abertura de novos mercados para dar continuidade à expansão de seus negócios.



Soldados racistas espancam uma negra em Pretória

Permanente massacre de negros pelo apartheid racista

A cada enterro de mais uma vítima da repressão - normalmente enterrada às dezenas, semanalmente -, a cada aniversário de mais um massacre coletivo, milhares de negros saem às ruas, reafirmando a disposição de continuar a luta contra o **apartheid** na África do Sul. No último dia 21, 60 mil pessoas se reuniram em um estádio de Uitenhage, no 26º aniversário do massacre de Shaperville, quando a polícia racista abriu fogo contra uma manifestação pacífica de negros, matando 69 deles e ferindo quase duas centenas. No ano passado, no mesmo dia 21 de março, em Uitenhage, durante um cerimônia evocativa do 25º aniversário do massacre de Shaperville, nova chacina: mais 21 mortos pelas balas da repressão. Durante os protestos contra esses dois massacres, mais 40 mortos se somaram aos cerca de 1.350 dos últimos dois anos.

Diante da brutal repressão da minoria branca (14,5% da população) contra a maioria negra do país (73% da população), as palavras do presidente Botha - em discurso de abertura das sessões parlamentares deste ano - ecoam como zombaria: "Nosso país hoje é um símbolo de expansão da liberdade, da defesa da liberdade religiosa e livre iniciativa, sustentado por direitos iguais perante um judiciário independente". Mais audacioso afirmou: "Superamos o antigo sistema colonial de paternalismo, assim como a obsoleta concepção do **apartheid**."

Os negros sul-africanos sequer têm direito de voto. Nelson Mandela e Walter Sisulu, dirigentes do proscrito Congresso Nacional Africano, estão presos desde 1964, condenados à prisão perpétua por "sabotagem" contra o governo. Os negros são presos às centenas, sem julgamento e submetidos a torturas reiteradamente denunciadas por organismos de imprensa internacionais. A maior parte dos trabalhadores negros - que representam 75% da força de trabalho do país - ganham, em média, um quarto do salário recebido pelos brancos. O governo racista continua a remover, sob a mira de armas, as populações negras de suas casas para regiões remotas do país (para enfraquecer o poder de reivindicação das comunidades negras ou para suprir de mão de obra barata as grandes empresas localizadas no interior.) Ao mesmo tempo, Botha e seus sequazes estimulam os conflitos entre as tribos negras, desviando em parte o ódio acumulado contra a minoria privilegiada branca.

Apesar da disposição de luta da população negra sul-africana e da condenação internacional do regime do **apartheid** (a maior parte, inócuas sanções parciais), o governo racista mostra-se intransigente sob o apoio tácito e desavergonhado daquele que afirmou no último dia 31 que os EUA têm a obrigação de lutar "contra o pecado e a maldade no mundo" - o ex-ator de Hollywood, Ronald Reagan.

Pinochet é criticado até por um colega general

Carta aberta ao "companheiro de curso", general Augusto Pinochet: "Em meio a um silêncio cúmplice, avançamos rapidamente para o caos. (...) As transmissões de tevê não são mais que um coro que tu diriges, que deformam a realidade e desinformam a opinião pública. Tens um povo faminto, que para sobreviver vende o corpo e a mente. Tu permitiste a implantação de um esquema econômico que exige a exploração sem misericórdia dos trabalhadores, além de um desemprego alto que opera como freio às suas legítimas reivindicações, em benefício de grupos econômicos nacionais e de interesses estrangeiros."

"Para justificar tudo, te declaras em guerra permanente contra o comunismo. Isto provocou lutas cruentas, com mortes, desaparecimentos, exílios, prisões e torturas. Depois de doze anos e meio do teu governo, o 'comunismo' está mais forte que nunca. Pensaste tu qual a razão?"

"Tu não vês, Pinochet, que levas o país a um confronto de consequências imprevisíveis? Não pensaste em que, depois da



Chileno abatido por militares

tua ditadura e se continuas assim, poderá vir outra ditadura de sinal contrário? (...) Isto significaria a destruição do Chile e das Forças Armadas. (...) Abandona o poder pelo bem do Chile. Ainda é tempo. Abandona antes que seja tarde". (Palavras do velho amigo e veterano líder da direita no Exército - hoje na reserva - o general Roberto Viaux. Março de 1986)

Indústria de guerra lucra com os ataques à Líbia

Enquanto a VI Frota da Marinha norte-americana se retirava das águas territoriais líbias, depois de provocar um conflito armado na região, alguns fabricantes de armas dos EUA festejavam o grande serviço de propaganda que Reagan lhes prestou.

"Quando a confiabilidade de um sistema é demonstrada em condições de guerra, isso aumenta sua credibilidade", afirmou no dia 28 passado Kathi McDonald, portavoz da empresa McDonnell Douglas Aeronautics, fabricante dos mísseis Harpoon, que fundaram três lanchas patrulhas da Líbia e danificaram uma quarta, segundo informações do Pentágono. O secretário da Marinha dos EUA, John Lehman,

confirmou: "Não há prova mais completa da qualidade de um equipamento do que seu uso em batalha e isso é bom para os interesses financeiros dos fabricantes de armas".

O conflito no golfo de Sidra também foi considerado "um grande anúncio" por Jim Gilbert, da empresa fabricante dos aviões de combate Corsair A-7, baseados nos três porta-aviões da VI Frota. A eficiência do míssil anti-radar Karm, usado no ataque à base líbia de Sidra foi outro bom exemplo da propaganda realizada nesse "teatro de guerra". (Dados e informações do governo Reagan ao governo líbio de Muamar Kadafi).

Intromissão indevida

Isolados diplomaticamente na sua política de agressão à Nicarágua, os Estados Unidos tentam pressionar os outros países para que apoiem suas posições. Recentemente esteve em nosso país uma comitiva de deputados norte-americanos liderados pelo presidente da Câmara dos Representantes, Thomas O'Neill. Sodrê declarou que "por Contadora passam os caminhos da paz". O fato em si mostra o acanhamento da nossa chancelaria em tomar uma posição firme em defesa da Nicarágua, uma Nação soberana, vítima de constantes ataques da política belicista do presidente Reagan.

apoio do Brasil ao Grupo de Contadora, que preconiza uma solução negociada para o conflito na América Central.

Timidamente, só uma semana mais tarde, o ministro das Relações Exteriores, Abreu Sodré, deu uma resposta informal a Thomas O'Neill. Sodrê declarou que "por Contadora passam os caminhos da paz". O fato em si mostra o acanhamento da nossa chancelaria em tomar uma posição firme em defesa da Nicarágua, uma Nação soberana, vítima de constantes ataques da política belicista do presidente Reagan.

O que há por trás do anti-protecionismo?

Há poucos dias porta-vozes do imperialismo ianque voltaram a bater na tecla da necessidade do livre comércio entre as nações, pressionando os países dependentes a abrirem ainda mais suas fronteiras ao capital estrangeiro, eliminando as barreiras protecionistas. O principal alvo, no caso do Brasil, é a reserva de mercado para a informática.

A mais recente investida neste sentido partiu de uma delegação de 10 congressistas norte-americanos, encabeçada pelo presidente da Câmara dos Representantes, Thomas O'Neill. Em visita de "cortesia" ao nosso país, os parlamentares ianques não esconderam suas idéias e intenções.

Deixaram claro, sobretudo, que se o Brasil não abrir mão da lei de informática corre o



O imperialista O'Neill com José Sarney

risco de sofrer retaliações, em especial na forma de novas sobretaxas aos produtos que exportamos para o mercado norte-americano. Argumentam que a reserva de mercado para empresas nacionais de mini e micro computadores representa uma forma de protecionismo intolerável aos monopólios ianques.

O pretexto do livre comércio mundial é uma maneira cínica de encobrir os reais objetivos do imperialismo. Na realidade,

Centro de Documentação e Informação
Fundação Maurício Grabois

Democratas se levantam contra poder econômico nas eleições

O Congresso Nacional deverá aprovar até a primeira quinzena de junho uma legislação contra o abuso do poder econômico em campanhas eleitorais, impedindo que qualquer candidato à Constituinte gaste muito mais que os outros na campanha. As diretrizes desta legislação foram aprovadas por consenso pelo conselho político do governo que reúne os líderes da Aliança Democrática no Senado e na Câmara, o chefe do Gabinete Civil da Presidência da República e o ministro da Justiça.

Existe uma imensa preocupação dos setores democráticos quanto ao poder do dinheiro nas eleições de 15 de novembro. Há quem chegue a afirmar que a disputa será muito mais econômica do que política. E não por acaso. A história de nosso país está pontilhada de eventos como a criação de caixas milionárias para garantir a eleição de candidatos de direita e com pouco apoio popular às diversas instâncias de poder. Os currais eleitorais, os famosos "coronéis", a compra descarada de votos continuam se repetindo no cenário político nacional.



Aldo: condições iguais de propaganda

Em meados do ano passado o presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul, Cezar Valente, reconheceu diante da imprensa que industriais estavam coletando dinheiro para assegurar a eleição de "constituíntes

confiáveis", que defendessem a iniciativa privada. Guilherme Afif Domingos, presidente da Associação Comercial de São Paulo, confessou que processo semelhante ocorria em São Paulo.

Em junho de 1985 o deputado Maurílio Ferreira Lima (PMDB-PE) revelou que poderosos grupos econômicos estavam se artu-

lando para financiar a eleição de pelo menos 300 deputados federais, o que representa a maioria absoluta da Constituinte.

DEMOCRACIA EM RISCO

A influência do poder econômico é um problema grave. A tão propalada "igualdade de direitos" não passa de um enunciado oco quando o dinheiro entra em jogo. O exemplo da caixinha bilionária mostra que a Constituinte corre sério risco de ser controlada pelos grandes empresários.

No entanto, como declarou o deputado federal Aldo Arantes, (PMDB-GO), candidato à Constituinte pelo Bloco Popular do PMDB, "é impraticável exterminar a influência do dinheiro. Trata-se de um problema estrutural, que faz parte da natureza do regime econômico capitalista mas é possível cercear este poder. Por isso mesmo estou com um projeto de lei que considera como crime a criação de caixas, a compra de colégios eleitorais e outros atos do gênero.

"Ao mesmo tempo - prossegue Aldo - é preciso criar condições de igualdade para propaganda dos candidatos nos meios de comunicação. E também criar um fundo partidário para garantir que todos os partidos, sem exceção, tenham acesso garantido aos meios de comunicação, divulgando suas propostas e seus candidatos".

"Para defender a democracia também é fundamental mobilizar a opinião pública para denunciar o poder do dinheiro. As entidades populares e sindicais têm grande responsabilidade neste sentido - alerta Aldo. Pode-se criar grupos de fiscais, como ocorre agora com o congelamento dos preços para garantir igualdade de direitos na eleição. A politização da população também contribui para a elaboração de uma plataforma de conteúdo popular e democrático para escolha dos candidatos".

Desta forma se pode assegurar a eleição de constituíntes e deputados estaduais comprometidos com as reivindicações populares, diluindo a influência das caixas.

(Olivia Rangel)

Tem gente que vota 10 vezes

Além do poder econômico, outra praga que compromete o processo eleitoral brasileiro é a fraude. No fim de dezembro, numa palestra em Campinas, o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, afirmou: "Há gente que vota dez ou quinze vezes, e há deputados, senadores e até governadores com cadeiras roubadas". É conhecido também o fato de "eleitores" mortos há muito tempo, continuarem colocando votos nas urnas.

último recadastramento eleitoral realizado no país, em 1958, o número de eleitores caiu em 35% no Maranhão e na Paraíba.

A partir de 15 de abril, haverá um novo recadastramento, e será adotado um novo modelo de título eleitoral, sem o tradicional espaço para a assinatura do juiz eleitoral. A confirmação do voto será feita na própria lista de eleitores em cada seção. Várias pessoas que tem familiaridade com o assunto já prevêem que haverá também queda do número de votantes.

Sindicato denuncia privatização criminosa da Petroflex de Triunfo

A Petroflex Comércio e Indústria S.A., sediada no III polo petroquímico, em Triunfo, no Rio Grande do Sul está sendo entregue ao controle do capital estrangeiro. A empresa estatal está sendo negociada pela direção da Petroquisa e, na venda, a Good Year vai ficar com a maior parte das ações por intermédio da empresa Nitrilex.

Quem faz esta denúncia é o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Petroquímica de Triunfo, através de nota oficial assinada por seu diretor Jorge Miguel Entrudo.

EMPRESA LUCRATIVA

A Petroflex-sul, afirma José Miguel, juntamente com a Petroflex-Rio, produz 10% da borracha sbr fabricada no país. E, o que é mais vergonhoso, é uma das empresas estatais que dá lucro, quando a desculpa dos entreguistas é que as estatais devem ser privatizadas porque são deficitárias. A empresa foi implantada com recursos do Estado, com vistas a ampliar a produção de borracha sbr e quando começa a dar lucros é entregue às multinacionais. A Mafersa é lucrativa e está sendo vendida também.

A nota do sindicato questiona com veemência o estranho interesse do governo em entregar ao capital estrangeiro empresas que dão lucro, enquanto o Estado investe somas enormes em grupos falidos, controlados pelo capital privado.



A Good Year planeja abocanhar a Petroflex

Confirma-se desta forma, mais uma vez, o caráter criminoso e antinacional da campanha pela privatização das estatais. Esta investida faz parte da ambiciosa campanha das multinacionais que pretende abocanhar inteiramente as riquezas nacionais e obter o controle absoluto da economia do país. Tal atividade conta com o

apoio e cobertura de políticos e empresários brasileiros, sem escrúpulos, que não se envergonham em servir de testas de ferro.

"Não à privatização. A Petroflex e a Petrobrás são do povo brasileiro" conclui o comunicado do Sindicato. É um brado de alarma que todos os patriotas devem ouvir.



Nos supermercados, prateleiras vazias em consequência da sonegação criminosa

Ganância do capital ameaça congelamento

O congelamento de preços, recebido com entusiasmo pelo povo brasileiro, corre sério risco de se desmoralizar e virar letra morta. O perigo advém da ganância sem limites dos capitalistas, em especial os grandes monopólios, que estão jogando pesado para manter suas taxas de lucros elevadas a patamares incompatíveis com o tabelamento.

Vários produtos, sonegados criminosamente por industriais, intermediários e comerciantes, praticamente desapareceram das prateleiras dos supermercados. Já estão escassos o leite, óleo de soja, produtos de limpeza em geral, massas, arroz e ovos, entre outras mercadorias de consumo popular.

Sonega-se tudo, até remédios para as farmácias

Para regularizar o abastecimento de carne, o governo foi forçado a liberar 15 mil toneladas dos estoques em poder da Cobal, mesmo admitindo que a falta do produto era artificial, visto que os frigoríficos continuam trabalhando com altos níveis de estoques.

O caso dos remédios raiou ao absurdo. Nas farmácias, e mesmo nos hospitais, houve carência de aproximadamente 30%. A empresa Toddy do Brasil chegou a ser autuada duas vezes por remarcar o preço de seu chocolate em pó e estocar mais de 6 mil caixas do produto na sua fábrica de Guarulhos em São Paulo.

No setor da indústria automobilística, continua a luta entre as montadoras e fornecedoras de auto-peças e componentes. A Fiat paralisou parcialmente sua produção, a GM despediu 4 mil operários e a Mercedes vinham sendo praticados ao nível da indústria sob o pretexto de altos custos financeiros (dada pela previsão da inflação futura), que já não possui razão de ser nas condições econômicas de relativa estabilidade monetária - criadas após o pacote do governo. Nem por isto, entretanto, os capitalistas que se beneficiavam dos mecanismos criados pela inflação querem largar mão dos lucros extraordinários que estavam obtendo.

Até agora os preços vinham sendo praticados ao nível da indústria sob o pretexto de altos custos financeiros (dada pela previsão da inflação futura), que já não possui razão de ser nas condições econômicas de relativa estabilidade monetária - criadas após o pacote do governo. Nem por isto, entretanto, os capitalistas que se beneficiavam dos mecanismos criados pela inflação querem largar mão dos lucros extraordinários que estavam obtendo.

A Volkswagen elevou



Volks ganha nos carros e também majorando preço da escória

impunemente os preços de retalhos e chapas de aço, material que sobra de sua produção e é vendido em leilão. A polícia comprovou que alguns moinhos gaúchos estavam vendendo farinha de trigo comum ao preço da farinha especial (em 11 desses moinhos foram encontradas farinha com 0,50% de cinzas). O fornecimento de equipamentos elétricos para as estatais está paralisado desde o dia 28 de fevereiro.

Uma luta acirrada dos capitalistas pelo lucro máximo

Enfim, os exemplos são múltiplos. Refletem, sobretudo, uma luta acirrada entre diversos setores do capital para decidir quem fica com a maior parte dos lucros produzidos pelo sistema. Uma luta que afeta fundamentalmente os consumidores e, em segundo lugar, as empresas de pequeno e médio porte. Vários açouques fecharam em função dos preços altos e da sonegação praticados pelos frigoríficos. Em geral, micro, pequeno e médios empresários estão passando dias difíceis devido aos abusos praticados pelos grandes.

Até agora os preços vinham sendo praticados ao nível da indústria sob o pretexto de altos custos financeiros (dada pela previsão da inflação futura), que já não possui razão de ser nas condições econômicas de relativa estabilidade monetária - criadas após o pacote do governo. Nem por isto, entretanto, os capitalistas que se beneficiavam dos mecanismos criados pela inflação querem largar mão dos lucros extraordinários que estavam obtendo.

O reflexo sobre o abastecimento já se faz sentir com força. E, sem qualquer dúvida, prenuncia o surgimento do mercado negro com as mercadorias sendo disputadas pelos consumidores a preços ditados pela especulação, o que levaria ao completo fracasso do congelamento.

É preciso agir, os "cavalheiros" não são educados

São as particularidades do capitalismo, é certo. Porém, nada justifica a passividade com que o governo vem tratando o problema, esperando inutilmente (ou com poucos resultados) pelos famosos acordos entre os cavalheiros capitalistas. "Este é um problema entre compradores e vendedores, que deve ser resolvido de forma adulta", esbravejou Luiz Eulálio de Bueno Vidigal, presidente da Fiesp, ao rebater a possibilidade de intervenção do governo no mercado.

Ocorre que o procedimento dos respeitáveis senhores do capital nada têm de "adulto", ao menos na noção que quis dar o presidente da Fiesp. Assiste-se a uma briga cega e encarnada dos "nobres" capitalistas sem maiores princípios ou respeito ao povo. É isto que todos estão sentindo. Ao governo, se estiver realmente interessado em manter o congelamento, não cabe esperar que as leis de mercado (ou mais precisamente a ganância de industriais, comerciantes, etc) atuem livremente. É preciso intervir sem mais demoras para garantir o abastecimento e preços tabelados no nível do dia 28 de fevereiro. (Umberto Martins)



PC do B vai ao ar no dia 23

Por determinação do Tribunal Superior Eleitoral, o programa nacional do Partido Comunista do Brasil foi antecipado para o dia 23 deste mês, das 20,30 às 21,30 horas. Será a primeira vez, nos seus 64 anos de existência, que o PC do B vai ao ar em rede nacional de rádio e TV.



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

O abastecimento das cidades é ameaçado pela falta de tabelamento dos preços no atacado

PC do B grava programa de tv

O PC do B já está na fase final de elaboração de seu programa nacional de rádio e televisão. Logo no início, João Amazonas afirma: "O partido tem propostas. E penso que elas estão afinadas com as aspirações da imensa maioria dos brasileiros".

O PC do B analisa tanto problemas imediatos, que dizem respeito à liberdade, melhoria dos salários, luta pela terra, à dívida externa e ao pacote econômico, como também faz uma defesa vigorosa do socialismo como único caminho para tirar o Brasil da crise e da miséria.

Diversas personalidades democráticas, que não pertencem às fileiras do partido, manifestam sua simpatia com a luta dos comunistas pela liberdade e pela união de todas as correntes progressistas. E de vários pontos do país militantes, ativistas operários, camponeses, estudantes, dão seu testemunho pessoal sobre as mazelas do capitalismo denunciadas durante o desenrolar do programa.

No último dia 2, quarta-feira, foi realizada a seção pública exigida por lei, no plenário Teotônio Vilela da Assembléia Legislativa de São Paulo. Embora fosse uma reunião mais restrita, da Comissão Diretora Nacional Provisória, mais de uma centena de

Os comunistas apresentarão suas propostas e a avaliação que fazem da situação do país em cadeia de rádio e televisão no dia 23 de abril às 20h30m. Durante a sessão da Assembléia Legislativa de São Paulo em homenagem aos 64 anos do PCdoB, dia 25 de março, foram feitas algumas das filmagens que serão exibidas para todo o país.

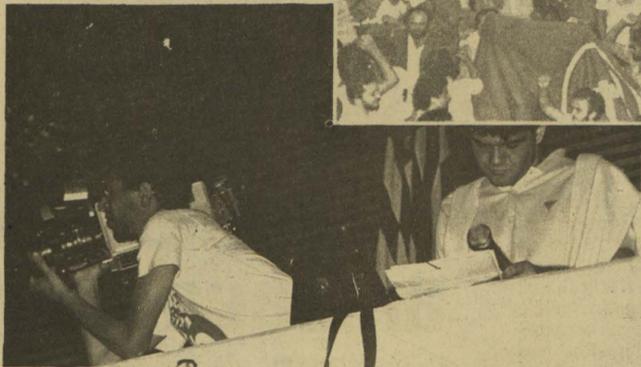


Foto: Wilson Mazza

personas acorreram ao local manifestando grande interesse pelas propostas comunistas.

Nesta ocasião foram filmadas partes dos depoimentos de João Amazonas, Dynéas Aguiar e Rogério Lustosa, membros da



Ainda durante a seção na Assembléia Legislativa foi comunicada a decisão do TSE de alterar a data do programa do PC do B para 23 deste mês, das 20,30 às 21,30 hs, antecipando portanto de um dia em relação a data anteriormente marcada. Foi discutido igualmente um plano de intensa propaganda, mobilizando todos os amigos e militantes, para fazerem reuniões, colocarem telões em praças públicas, enfim, promoverem uma grande agitação em torno do evento. Os comunistas iniciarão desde esta semana grandes atividades para divulgar a realização do programa.

direção nacional. Foram apresentados documentos de registro do Partido Comunista do Brasil em 1922, na sua fundação, e em 1945, quando esteve por dois anos na legalidade, participando da Constituinte de 1946.

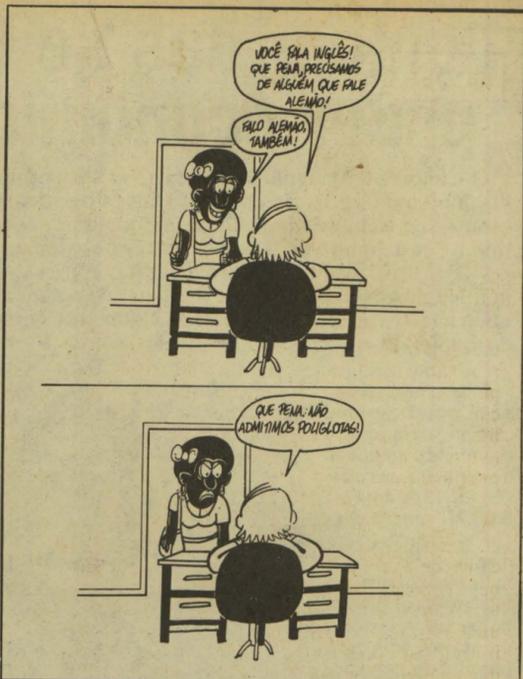


Ilustração: Pestana

Mulheres do Paraná debatem atuação na Constituinte

O Conselho Estadual da Condição Feminina do Paraná deflagrou, em março, a Campanha pela Participação da Mulher na Constituinte. Nos principais municípios paranaenses as prefeituras realizam debates sobre os direitos da mulher e sobre a Constituinte. Uma cartilha, "O Que é a Constituinte", foi editada, destinada às mulheres que pela primeira vez estão discutindo o tema. Em municípios com menos de 3 mil habitantes, as reuniões têm participação de até 150 mulheres, na maioria bóias-frias. Segundo a presidenta do Conselho, deputada Ironi Pugliesi, "transformaremos cada escola, cada associação, num fórum constituinte, para mostrar que a metade da população brasileira constituída pelas mulheres está acordada e quer seus direitos já".



44% da população - 55 milhões, segundo o IBGE. No entanto, no mercado de trabalho, as ocupações de nível superior reservam 81% dos empregos aos brancos e 75% no nível médio. Mas na faixa dos que ganham até um salário mínimo, os negros ocupam 75% das vagas, juntando-se aos 47% da população que vivem em condições precárias.

MULHER NEGRA

Uma das promoções foi o debate sobre "A mulher negra e a Constituinte" promovido pela União de Mulheres e Grupo União e Consciência Negra, apoiados pelo Conselho da Condição Feminina, em Curitiba.

Convidada especial para o debate, Vilma Lúcia de Oliveira, do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra de São Paulo, afirmou que se para todo o povo brasileiro houve 20 anos de ditadura, para os negros "são 450 anos de marginalidade e discriminação".

Dalzira Maria Aparecida, uma das coordenadoras do Grupo de União e Consciência Negra, afirmou que "nenhuma lei garantiu os direitos da negritude no país". Ela lembrou que a Lei do Ventre Livre, de 1871, "libertava o filho e mantinha a mãe escrava, levando à morte 70% das crianças nascidas na época, por falta do leite materno". Dalzira denunciou também que a Lei Saraiva de Cotegepe, de 1885, que declarava livres todos os escravos com mais de 65 anos, "na realidade libertava os patrões das obrigações sociais e trabalhistas dos velhos, que eram abandonados, passando a constituir-se em marginais da sociedade".

DISCRIMINAÇÃO RACIAL

O racismo no Brasil sempre esteve ligado às questões econômicas e políticas. Inicialmente uma exigência das classes dominantes que precisavam de mão-de-obra escrava para estabelecer-se no país, e hoje mais um fator para a dominação de grande parcela do povo, com bases culturais. Os negros são

Denunciando a violência contra a mulher, e em especial contra a negra, Dalzira relatou um acontecimento nas Lojas Brasileiras, na época do Natal. Uma negra foi acusada de haver roubado um "pó de arroz" da loja. Mesmo provando a existência da nota de compra em seu poder, foi violentamente pressionada pelos segurantes da loja. Para provar sua inocência, a negra saiu fora da loja e, em meio a 500 pessoas, tirou a roupa e mostrou que nada roubara!

Lúcia Santos, coordenadora da União de Mulheres de Curitiba e também negra, afirmou que "hoje não basta mais constatar-mos que somos discriminadas. Este é um passo, pois assumimos a nossa negritude. Mas é fundamental que nos organizemos para derrotar o racismo, que se constitui numa forma camuflada de extermínio racial, já que somos submetidos às piores condições de vida e trabalho".

Entre as propostas levantadas no debate, destacam-se a importância da participação dos negros na Constituinte, elaborando sugestões e organizando-se para exigir seus direitos. Dentro as questões abordadas destacam-se: 1) a discriminação racial é um crime contra a pessoa, e inafiançável; 2) fim de todas as formas de esterilização de mulheres, tendo em vista que as negras são as mais visadas, por serem as mais pobres e com mais filhos; 3) criação de mecanismos que acabem com a polícia racista, que mata principalmente os negros, considerados sempre como "suspeitos".

Em torno do movimento negro foram destacadas três propostas: 1) conscientização do próprio negro sobre sua negritude; 2) conquista da sociedade brasileira para causa do negro; 3) luta contra o sistema de exploração e opressão dos novos, em especial dos negros (Terra e Trabalho).

Comunistas apóiam Waldir Pires na Bahia

O Partido Comunista do Brasil vai apoiar o candidato do PMDB ao governo da Bahia, Waldir Pires, na base de compromissos programáticos públicos. Foi a decisão da reunião ampliada do Diretório Regional do PC do B, dia 27 de março na Câmara de Salvador, com a presença de mais de 100 dirigentes, parlamentares, militantes e amigos do partido.

A executiva do partido manterá entendimentos com outros integrantes da aliança, representados pelo prefeito de Salvador, Mário Kertesz, e o deputado federal Francisco Pinto, para formalizar conjuntamente o apoio a Waldir Pires. O PC do B mantém, no entanto, sua reivindicação de mudança na chapa peemedebista, hoje composta pelo prefeito de Guanambi, Nilo Coelho, na vice, o senador Jutahy Magalhães e o deputado federal Ruy Bacelar para o senado.

FORÇA E ENTUSIASMO

A decisão foi anunciada na primeira reunião pública dos comunistas em Salvador desde a legalização do partido. O dirigente nacional do PC do B, Péricles de Souza, presidiu o encontro. Embora mantenha restrições à chapa peemedebista, os comunistas aprovaram um documento em que afirmam: "O momento exige que a candidatura de Waldir Pires deslanche e incorpore a força e o entusiasmo do nosso apoio".

"No clima de liberdade hoje existente na Bahia e face ao sentimento por mudanças que domina o país, a derrota das oligarquias, dirigidas por Antônio Carlos Magalhães e João Durval Carneiro (ministro das Comunicações e governador do Estado), nas próximas eleições é uma possibilidade concreta", afirma o documento, apresentado na reunião pelo deputado Haroldo Lima, líder da bancada comunista na Câmara Federal.

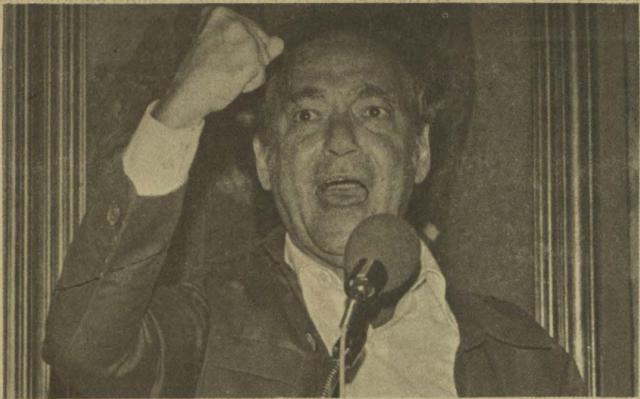


A reunião do Diretório do PC do B divulgou apoio a Waldir Pires (abaixo)

O documento ressalta a necessidade política de formação de alianças amplas para enfrentar eficazmente adversários no poder. E admite que, no caso baiano, esta aliança é indispensável para a vitória. Caso a chapa peemedebista não seja modificada, como reivindicam setores opositores para assegurar o indispensável entusiasmo na campanha eleitoral, o PC do B "adotará oportunamente a posição mais consonante com as expectativas populares".

CANDIDATOS COMUNISTAS

O presidente regional do partido, professor Olival Freire Júnior, anunciou os candidatos que o partido apresentará para as eleições de novembro: Haroldo Lima e Lídice da Mata (atual líder do PC do B na Câmara de Vereadores) para a Constituinte, e o deputado Luiz Nova e o ex-presidente da UNE, Javier Alfaya, para a Assembléia Legislativa. Ainda para deputado estadual o partido apoiará o hoje suplente Vandilson Costa e o



vereador Antônio Fernando Xavier, de Alagoinhas, pelo PMDB. Olival Freire explicou que a lista de candidatos poderá ser ampliada "a depender dos desdobramentos do quadro sucessório estadual e de possíveis mudanças na legislação eleitoral". Participaram da reunião os três vereadores comunistas na capital (Lídice da Mata, Jane Vasconcelos e Ney Campelo), vereadores do interior (Ubirajara Mota, de Vitória da Conquista; José Leal, de Jequié; Gilson de Jesus, de Itapetinga; e Messias Gonzaga, de Feira de Santana), além de lideranças do partido de mais de 20

idades do interior, sindicalistas e dirigentes de entidades.

Vários oradores recomendaram uma postura mais ofensiva das forças opositoras na crítica ao candidato governista, Josaphat Marinho, para "desmistificar o passado de liberal e democrata que se tenta vender" do jurista e ex-senador. Lembrou-se que, como advogado, Josaphat colocou-se em defesa de fazendeiros contra os índios pataxós, no sul da Bahia, e acusou o líder montonero argentino, Mário Firmenich, no processo de extradição que lhe moveu o governo Alfonsín. (da sucursal)

Vereador André Luiz Martin filia-se ao PC do B em Lins

O lançamento do Partido Comunista do Brasil em Lins, interior de São Paulo, contou



André Martin, vereador comunista

com a presença de mais de 300 pessoas na Câmara Municipal - a maioria composta por trabalhadores rurais, operários e outros segmentos das camadas populares, com destaque para a participação das mulheres. Durante a solenidade foi apresentada a Comissão Provisória do PC do B e o vereador André Luiz Martin, eleito em 1982 com uma campanha marcadamente popular, assinou a ficha de filiação ao partido.

Estiveram presentes ao ato o prefeito municipal em exercício, José Herrera, o presidente da Câmara, Maruf Ali Murad, os vereadores do PC do B em Marília e Buritama, Sidnei Gobetti e Roberto Néias de Carvalho, e representantes do Diretório Regional da agremiação. Houve ainda uma festa no prédio da Federação Universitária de Lins.

Velhos lutadores reencontram o seu partido em Itabuna

Cerca de 100 pessoas participaram da inauguração da sede do PC do B em Itabuna, na região cacauera da Bahia. O presidente do partido no município, Davidson Magalhães, destacou que o PC do Brasil foi o "primeiro a levantar a bandeira de uma reforma agrária justa para o país".

Diversos dirigentes de entidades sindicais, estudantis e populares prestigiaram o ato. Ubaldo Dantas representou o prefeito de Itabuna, e a vereadora Zenaide Magalhães, do PMDB, também compareceu. Momento vibrante foi quando foram apresentados dois antigos militantes comunistas da região, Hemetério José de Santana (de Itapé) e Manoel Maria dos Santos (de Ilhéus). Os dois ingressaram no partido na

década de 30 e participaram de suas principais lutas na região, em defesa dos trabalhadores do cacau, explorados pelos latifundiários.

Manoel Maria, de 80 anos, confessou-se emocionado com a vitalidade e a jovialidade do PC do B "apesar das perseguições violentas sofridas em mais de 20 anos de ditadura". Hemetério de Santana, de 97 anos, ao tomar conhecimento que o partido estava com sede instalada na região foi até a casa e se prontificou: "Reencontrei o meu partido. Qual a minha tarefa?". O PC do B possui diretórios organizados em 15 municípios da região cacauera da Bahia e sede em Ilhéus. O endereço da sede inaugurada em Itabuna é Avenida Cinquentenário, 928, 1º andar.

Centro de Documentação e Informação Fundação Maurício Grabois

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

As brigadas de fiscalização

Por todo lado continua uma atividade intensa de fiscalização dos preços. A grande maioria da população só faz suas compras se estiver "armada" com a tabela. Mas esta atividade continua sendo realizada espontaneamente, na maior parte das vezes. A atividade de organização das "brigadas" teve frutos relativamente reduzidos principalmente porque tem sido feita em geral à margem do movimento real.

PARTIR DO REAL

Não é fácil organizar pessoas que se encontram apenas com a finalidade específica de fazer compras. Sua passagem pelo supermercado é rápida. Os encontros não são suficientes nem para fazer uma amizade superficial. A fiscalização é individual. A mobilização de massas ocorre quando alguém descobre uma falcatrua dos especuladores. Imediatamente acorrem em ajuda do "fiscal" os outros compradores, como transeuntes e moradores vizinhos. Existe a predisposição para impedir a remarcação de preços e para condenar os exploradores. Mas não é uma atividade planejada e coletiva.

Talvez fosse necessário encontrar alguns laços de ligação mais estreitos entre os compradores para que surjam melhores condições de planejamento. Em primeiro lugar, surge logo a relação de vizinhança. Mas é pouco. O bairro é uma unidade muito grande e além disto muitas vezes existem mais de dois estabelecimentos relativamente próximos. Por rua deve ser mais fácil ou por um pequeno grupo de ruas. O dia e o horário em que as pessoas costumam fazer suas compras é outro dado que deveria ser levado em conta. Relações de amizade e de parentesco também podem contribuir para a formação de pequenos destacamentos que fazem as compras juntos e com isto exercem uma vigilância mais efetiva.

ORGANIZAÇÃO AMPLA

As entidades como os sindicatos, clubes de mães, associações de pais e mestres, assim como as sociedades amigos dos bairros (associação de moradores) podem cumprir um importante papel, tanto ao incentivar o controle como para orientar a formação de grupos razoavelmente estáveis.

A grande questão, que merece a maior atenção, é que não se pode organizar o povo fora do curso de suas atividades. Uma brigada artificial de pessoas que um belo dia, resolvem se unir para fiscalizar os preços, pode cumprir um certo papel, pode flagrar o abuso de um comerciante, mas dificilmente contribuirá para elevar o nível de organização do povo.

Outro ponto chave é que uma organização deste tipo, com a capacidade de aglutinar pessoas com os mais variados modos de pensar, inclusive quem nunca teve qualquer participação política, sindical e mesmo em entidades de bairro, não pode adotar nenhuma postura partidária, não comporta qualquer exclusivismo. E não pode pretender formas rígidas ou disciplina rigorosa. É uma forma de aglutinação o mais flexível possível, e com objetivos temporários - uma vez que o congelamento não pode se perpetuar indefinidamente. Mas ao mesmo tempo pode permitir um salto de qualidade na consciência das pessoas e abrir caminho para uma participação de nível superior nas lutas políticas e sociais.

ELEVÇÃO DA CONSCIÊNCIA

Uma das características da conjuntura nacional é uma rápida elevação da consciência e da participação popular na vida política. O interesse das grandes massas em relação ao pacote, a mobilização de milhões para fazer valer o congelamento, tudo isto precisa se transformar em organização para levar avante o processo de mudanças no país.

(Rogério Lustosa)

No dia 11 de abril completa-se um ano da morte do dirigente comunista albanês Enver Hoxha. Fundador do Partido do Trabalho do Albânia, líder da luta de libertação nacional e da construção do socialismo em seu país, ferrenho defensor dos princípios marxistas-leninistas contra os ataques dos revisionistas e da reação, internacionalista consequente, Enver Hoxha tem sua obra contida em mais de 50 volumes.

As divergências que afloraram no movimento comunista internacional após a tomada do poder na União Soviética pelos revisionistas seguidores de Nikita Krushov dificultaram a projeção da obra de Enver Hoxha e a divulgação de como este albanês aplicou, à realidade concreta de seu país a doutrina científica do socialismo.

O jovem Enver imbuíu-se de patriotismo

Nascido em 16 de outubro de 1908, ainda jovem Enver Hoxha imbuíu-se de grande sentimento patriótico. Sua infância coincidiu com um período muito duro para o país. Os invasores estrangeiros se sucediam um após o outro, incendiando e devastando regiões inteiras, assassinando em massa a população e semeando em todas as partes a desolação. Já em 1924 Enver ligava-se ao movimento democrático.

Procurando como abordar a revolução em seu país, Enver tomou contato com as ideias marxistas-leninistas e, com grande talento, assimilou-as e procurou aplicá-las à realidade albanesa. Sem cópia ou repetição, analisou a situação de seu país - o mais atrasado da Europa, dominado durante cinco séculos por opressões estrangeiras, especialmente os exploradores turcos.

Enver Hoxha logo percebeu que sem a violência revolucionária a opressão não seria varrida de sua pátria. Viu na luta armada o caminho para libertação de seu povo. Num país sem indústrias como era a Albânia, com a imensa maioria da nação trabalhando no pastoreio e na lavoura, o campo seria o principal teatro das batalhas de libertação, tornando-se mais difícil ao inimigo golpear ali os patriotas que empunhavam armas.

À frente do Partido Comunista da Albânia (hoje, PTA), do qual foi um dos fundadores em 1941, Enver captou com clareza o



João Amazonas, Ramiz Alia, Enver Hoxha e Diógenes Arruda em Tirana, capital da Albânia

problema das alianças políticas que eram necessárias para fazer avançar a luta contra os invasores de seu país (os fascistas italianos e os nazistas de Hitler). O líder albanês sabia até onde os compromissos com as diferentes classes e setores da sociedade eram positivos para o proletariado e também o papel negativo que acarretariam se não fossem bem conduzidos. Jamais permitiu que os inimigos de seu povo se infiltrassem no movimento de libertação (os imperialistas ingleses e norte-americanos tramavam estabelecer lá o seu domínio), e nem deu espaço para que os agentes do imperialismo pudessem disvirtuar a luta popular. Por isso, a revolução albanesa sagrou-se vitoriosa.

Com a derrota dos exércitos italiano e alemão e das forças reacionárias internas, ocorrida em 1944, um novo problema se colocou para o PTA e seu dirigente: como construir o socialismo num país economicamente atrasado e com a classe operária numericamente reduzida? Novamente o marxismo-leninismo foi aplicado de maneira criadora à realidade concreta. Os comunistas albaneses notaram que a tarefa deveria ser executada passo a passo, vencendo as dificuldades econômicas, políticas e sociais. A "ajuda estrangeira" que implicasse na submissão do país ou que perpetuasse a exploração seria um elemento desintegrador. A questão da terra - dominada pelos latifundiários - tinha que ser abordada com acuidade. A reforma

agrária foi um processo longo. Guiados pelo PTA, os albaneses venceram as dificuldades e construíram o socialismo formando hoje, 42 anos após a revolução, um país industrial-agrário, soberano e independente.

Representante dos sentimentos de seu povo

Enver Hoxha foi também o autêntico representante dos sentimentos e aspirações nacionais de seu povo - e a figura mais destacada da história da Albânia. Lutou para fazer renascer o sentimento do albanês como povo. As injunções estrangeiras, os longos séculos de dominação estavam levando o povo albanês à destruição. Sua língua natal estava abandonada, desprezada pela cultura oficial. A resistência do povo foi permanente. A luta patriótica se entrosou com a luta pelo socialismo, que é relacionada com o sentimento nacional albanês. Com a tomada do poder pelos patriotas, tendo à frente o PTA, as tradições populares e o passado heróico da nação foram revitalizados. A língua albanesa, que pertence a um grupo lingüístico autóctone, foi recuperada e aperfeiçoada sob o socialismo - nos séculos de dominação estrangeira, os albaneses não podiam estudar ou utilizar sua própria língua natal! Inclusive as obras artísticas de temas religiosos foram recuperadas e valorizadas. À frente dessa luta Enver Hoxha soube, como comunista, apreciar e elevar a um novo patamar o valor nacional dos albaneses.

O sentimento patriótico revolucionário de Enver Hoxha não teve as limitações do nacionalismo burguês. Pelo contrário, ele sempre foi um denodado internacionalista e por inúmeras vezes deu provas de formar parte do exército internacional da classe operária em luta contra a exploração e opressão. Durante a II Guerra Mundial, os albaneses não só bateram as tropas nazi-fascistas em seu país, com um enorme número de mártires e heróis (foi dos países europeus que mais sangue verteu no combate às hordas de Hitler e Mussolini), como também participaram da luta de libertação da Jugoslávia. Quando o movimento insurrecional da Grécia foi perseguido pelas forças reacionárias, a pequena Albânia defendida por Enver Hoxha abriu suas fronteiras para acolher os guerrilheiros gregos - isso num momento em que a Jugoslávia de Tito, que

se dizia socialista, fechava suas portas aos revolucionários. Foi a Albânia de Enver que desafiou as poderosas classes dominantes gregas (apoiadas pelos Estados Unidos e Inglaterra), e não fugiu ao seu dever internacional.

Integrante do exército dos proletários

Hoxha cumpriu papel destacado também na defesa do marxismo-leninismo contra o revisionismo de Nikita Krushov e seus comparsas. O discurso do dirigente albanês na Conferência dos 81 partidos comunistas e operários em Moscou, em 1960, mostra a coragem do internacionalista que combate o revisionismo para salvar a doutrina da classe operária. Naquele período foi o PTA a primeira organização estrangeira a reconhecer o Partido Comunista do Brasil como o verdadeiro partido da classe operária em nosso país, e a denunciar a traição dos revisionistas brasileiros capitaneados por Luís Carlos Prestes e Giocondo Dias. Em fins de 1962, meses após a reorganização do PC do B, Enver Hoxha convidou uma delegação dos comunistas brasileiros a visitar a Albânia. Nasceu daí a amizade e colaboração entre essas duas agremiações revolucionárias.

Enver é também dos comunistas que mais ecreveram. Suas ideias não ficaram encerradas em pequenos grupos. Ele publicou dezenas de livros, que são estudados como uma contribuição valiosa à uma causa da liberdade dos povos e do socialismo. Seus escritos são monumentos ricos em ideias, argumentos, juízos e raciocínios muito valiosos e necessários para a estratégia revolucionária do proletariado, para a defesa do

marxismo-leninismo, do socialismo e do internacionalismo proletário.

Enver Hoxha foi igualmente o construtor do partido dos comunistas albaneses, o PTA - elemento decisivo para levar adiante as ideias de liberdade e do socialismo. Apetrechado da teoria leninista sobre a organização de vanguarda da classe operária, Enver afirmava que "nenhum problema, simples ou complicado, atual ou em perspectiva, pode encontrar soluções sem a direção do partido. Isto para nós foi e continua sendo uma lei". E salientava que "a lei do partido para seus membros deve ser que toda sua vida a passem em batalhas e sacrifícios e esta é uma tarefa, uma grande honra para eles... é a lei e se faz lei para que nós comunistas, espiritualmente, até a morte, nos mantenhamos revolucionários".

Graças a essa tèmpera bolchevique, à sua ligação íntima com o povo albanês, ao conhecimento multilateral da realidade em que atuava, ao domínio amplo do marxismo-leninismo, Enver Hoxha projetou o nome da Albânia internacionalmente. Um país que era tratado como uma insignificância, um joguete nas mãos das potências estrangeiras, hoje é respeitado pelos povos de todo o mundo pela coerência e independência de suas ideias. O único país da atualidade sem dívida externa, sem impostos, sem desemprego, sem inflação, sem fome - os grandes males que atormentam os países capitalistas e revisionistas. As dificuldades da Albânia na construção do socialismo, principalmente devido ao cerco revisionista-capitalista, são enfrentadas com firmeza e pertinácia pelos operários, camponeses e demais trabalhadores.

Albânia não está órfã de ideias e de direção

Após a morte de Enver Hoxha a Albânia não se encontra órfã de ideias e de direção - o PTA, continua dirigindo o proletariado e o povo albanês na construção de uma sociedade nova, sem exploradores ou explorados. O próprio Ramiz Alia, que assumiu a direção do partido, avaliando a obra do grande fundador do PTA, afirmou:

"É verdade que a história é feita pelas massas, porém é igualmente certo que os grandes acontecimentos históricos, nos que as massas desempenham o papel determinante, situam à frente dirigentes que lhes imprimem o selo de sua personalidade. Nossa época é a época em que nosso povo viveu um período de grandes transformações políticas, econômicas e sociais, ideológicas e culturais, é uma época em que pela primeira vez a Albânia se converteu em dona de seu próprio país e saiu à arena internacional com um nome célebre e com sua própria voz. O camarada Enver Hoxha, como revolucionário e dirigente se mantém à altura desta época e junto com o nome do partido lhe deu o seu próprio nome."

Enver Hoxha no Brasil

Também no Brasil a obra escrita de Enver Hoxha encontra dificuldades de ser divulgada. Mas os revolucionários brasileiros sempre procuraram vencer as barreiras impostas pela burguesia para tornar conhecidos os escritos do dirigente albanês. A imprensa operária publicou, em diferentes oportunidades, vários artigos de Hoxha. A Editora Anita Garibaldi, igualmente, publicou algumas de suas produções. Segue a lista das publicações da Editora Anita Garibaldi que podem ser

solicitadas à editora com o envio de cheque nominal no valor da compra (av. Brigadeiro Luís Antônio, 1511, CEP 01317):

Relatório ao 8º Congresso do PTA - Cz\$ 10,00
Discurso aos eleitores Cz\$ 5,00
Eurocomunismo é anticomunismo Cz\$ 20,00
A luta contra o revisionismo soviético (discurso na Conferência dos 81 partidos comunistas e operários em 1960) Cz\$ 25,00.

DE OLHO NO LANCE

Constituição do PT

O PT tem uma proposta para a Constituição. Reconhece a propriedade privada e o lucro. Mas acha que os capitalistas não podem controlar as empresas em sua propriedade. Que será isto? Será que os trabalhadores terão agora o "privilegio" de administrar as empresas capitalistas, só deixando para os patrões o lucro?

Diz também que pretende "criar condições institucionais para a transformação da sociedade". E agora, que novidade é esta? Parece na verdade que não coisa nova mas apenas uma tintura diferente para a velha tese reformista, defendida há muito tempo pelo PCB, de promover modificações graduais e legais no capitalismo e chamá-lo de socialismo.

Para completar, o PT diz que "a atividade empresarial do Estado, em concorrência com as empresas particulares, só pode ser exercida para suplementar a iniciativa privada deficiente no atendimento desses mesmos interesses". É exatamente baseada nesta posição que se exerce hoje uma grande pressão - a mando das multinacionais - para privatizar as empresas estatais.

O projeto tem um mérito. Serve para mostrar aos trabalhadores qual o conteúdo do tal socialismo do dia a dia do PT.



O dirigente albanês passa em revista as tropas guerrilheiras



Depois da greve os apanhadores de algodão terão os preços garantidos até o fim da safra

Apanhadores de algodão dobram padrões goianos

Após dois dias de greve, encerrada em 1º de abril, aproximadamente 10 mil assalariados agrícolas conquistaram importante vitória ao celebrar um acordo coletivo de trabalho fixando os preços para a colheita de algodão. A greve ocorrida no município goiano de Santa Helena foi coordenado pela Fetaeg e pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais local.

Para conseguir esta conquista, os trabalhadores enfrentaram de maneira destemida toda sorte de violências, tanto por parte dos patrões e seus jagunços, quanto por parte dos policiais militares. Em virtude da organização e da disposição de luta dos grevistas, os patrões cederam. Acabaram por aceitar um preço de Cz\$ 8,40 por arroba de algodão para a primeira colheita e Cz\$ 20,50 para a segunda colheita. Antes da greve os preços eram estabelecidos unilateralmente pelos patrões e no decorrer da colheita eles ainda sofriam rebaixamento. Agora, com o acordo, não poderá haver rebaixamento de preços devido ao tabelamento.

TIROS CONTRA PIQUETES

Santa Helena de Goiás fica a 220 quilômetros de Goiânia e é o maior produtor de algodão do Estado. A riqueza de uns poucos latifundiários forma um terrível contraste com a miséria de milhares de assalariados agrícolas, os bóias-frias, que povoam a periferia da cidade. Na "panha do algodão" os trabalhadores recebiam a ínfima quantia de 5 a 6 cruzeiros por arroba. Também lhes são negados os mais elementares direitos trabalhistas, como 13º salário, repouso semanal remunerado e férias.

Esta situação levou os traba-

lhadores a iniciar há cerca de duas semanas uma mobilização, que coincidia com a tentativa de negociação com os patrões. Estes, no entanto, não permitiam que elas continuassem. Diante disso restou aos trabalhadores organizarem-se. Foram feitas várias assembleias por bairros. Na assembleia geral foi decidido paralisar totalmente os trabalhos no dia 31 de março.

Foram formados piquetes em todas as saídas da cidade. A resposta dos fazendeiros foi a truculência. De 18 a 20 jagunços fortemente armados a soldo dos patrões, dispersaram um dos piquetes disparando cerca de 200 tiros, deixando dois piqueteiros feridos. Um trabalhador foi atingido no braço esquerdo e no dedo indicador direito. Outro levou uma coronhada na cabeça e foi para o hospital em estado grave. Ainda neste dia, uma conhecida liderança do PC do B, o velho bóia-fria Luís Semião, foi espancado por fazendeiros porque estava participando de um piquete.

AMEAÇAS DE MORTE

O clima estava tão tenso que o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Durval Pereira, foi ameaçado de morte pelo presidente da Câmara Municipal, Nivaldo de Jesus - grande proprietário de algodão - durante as negociações no

gabinete do prefeito. Na mesa de negociação o presidente do sindicato patronal, Inácio de Freitas, membro do PFL, afirmou em tom saudosista que tinha que voltar "o tempo do AI-5, porque nesta época não tinha esse tipo de baderna...".

No segundo dia de greve foi requisitada uma tropa de choque da PM de Rio Verde com 70 policiais fortemente armados, usando até mesmo bombas de gás lacrimogêneo. Os policiais dispersaram os piquetes usando violência e intimidações. Um PM, armado de baioneta, feriu a perna de um trabalhador. Os policiais apontavam as armas para os trabalhadores e revistavam-nos, chegando a tomar seus instrumentos de trabalho. Num dos piquetes, os policiais fizeram com que um grupo de 10 trabalhadores tapasse uma valeta na unha, feito tatu. Noutro local o caminho que transportava a tropa da PM investiu para cima de um piquete para dispersar os trabalhadores.

SOLIDARIEDADE NA GREVE

No meio de grande tensão que cercava o município de Santa Helena, o deputado federal Aldo Arantes e o vereador Edmundo Galdino, ambos do Bloco Popular do PMDB, foram se solidarizar com a luta dos trabalhadores. Foram entusiasticamente aplaudidos ao manifestar integral apoio ao movimento grevista e denunciar as arbitrariedades que estavam ocorrendo ali.

Depois que o acordo coletivo de trabalho foi assinado, na tarde do dia 2, os grevistas, muito animados, decidiram retornar ao trabalho. (Francisco Messias, da sucursal)

Provocações dos fazendeiros agitam a capital de Roraima

O território de Roraima está sendo palco de diversos conflitos envolvendo de um lado índios, lideranças populares e religiosas, e de outro fazendeiros e políticos ligados ao governo de Getúlio Cruz. A situação está tão tensa que os fazendeiros fizeram uma passeata de protesto em Boa Vista contra a presença do senador Severo Gomes (PMDB-SP), que recentemente visitou as reservas indígenas.

Há anos que as autoridades e fazendeiros vêm levantando calúnias contra os religiosos e funcionários da Funai que tentam impedir a invasão das reservas indígenas em Roraima. Os acontecimentos se agravaram quando cinco índios Tuxauas, coagidos pelo secretário da Segurança Pública, coronel Mena Barreto, por fazendeiros e pelos PMs fizeram declarações de acordo com o que eles queriam. Os índios acusaram o bispo D. Aldo Mogiano, o padre Jorge Dal Ben, padre Eduardo, a antropóloga Guiomar de Melo e um funcionário da Funai de os incitar a tocarem fogo na casa dos fazendeiros. E ainda acrescentavam que os fazendeiros deveriam ser queimados dentro de suas casas.

Com esta artimanha os latifundiários lançaram uma campanha de denúncias contra a Igreja e a Funai. Em Brasília o deputado João Batista Fagundes acusava os padres italianos de estarem fomentando uma rebelião de índios contra os fazendeiros, com objetivos separatistas do Brasil.



As reservas dos Yanomamis estão sendo invadidas pelos fazendeiros

Os Tuxauas das demais malocas ficaram sabendo do ocorrido e, irritados com as declarações caluniosas de seus parentes foram até Boa Vista. Mas não tiveram acesso a televisão, rádios e jornais para expor a verdade.

ÍNDIOS PRESOS

Dias depois quatro índios foram presos na Maloca do Piolho, acusados de incendiários e de terem desacatado as autoridades. Os índios ficaram presos 20 dias simplesmente para satisfazer os caprichos do coronel Mena Barreto, que alegou que um índio o desacatou e pôs o dedo no seu nariz. Os quatro só foram soltos devido à intervenção de 48 Tuxauas que se reuniram em Boa Vista, irritados com a prisão de seus parentes.

Diante desta situação, vários jovens resolveram fazer uma passeata de protesto contra estas arbitrariedades e falsas

acusações. Cerca de 300 pessoas saíram pelas ruas da cidade levando cartazes e faixas pedindo justiça e paz. Mais uma vez os órgãos de comunicação do território fizeram acusações absurdas como a de que os manifestantes quase lincharam o repórter Carvalho Pires.

Pouco tempo depois o senador Severo Gomes esteve em Boa Vista visitando as malocas dos Yanomani, dando entrevistas no rádio e TV. Isto incomodou muito os fazendeiros e garimpeiros, que chamaram o senador de "intruso" e fizeram uma passeata na capital roraimense no dia 21 de março. Durante a manifestação agrediram o padre e jornalista Luís Palumbo tentando tomar sua máquina fotográfica. O fotógrafo amador Ednelson Pereira foi preso em flagrante pela PM por fotografar um dos agressores do padre Luís Palumbo. (do correspondente da TO em Boa Vista, Roraima)

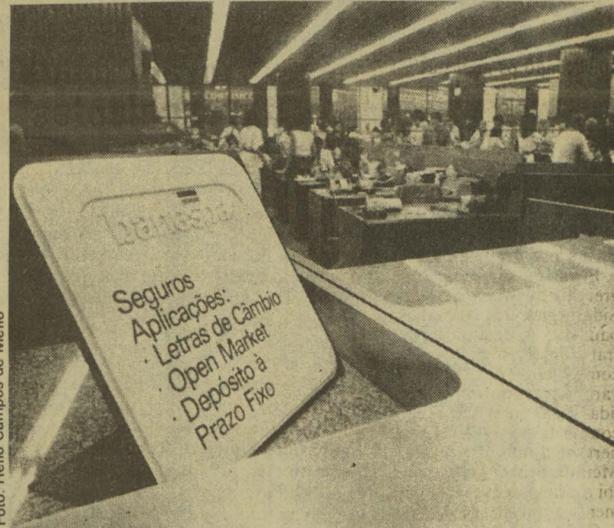
Bancários se mobilizam na luta contra a onda de demissões

"A situação dos bancários é insustentável e este é o pior momento que a categoria já enfrentou nos últimos 23 anos". A declaração é de Eriberto Reino, presidente da Federação dos Bancários de São Paulo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, preocupado com as demissões que atingem os trabalhadores em bancos de todo o país. Segundo estimativas, só na base sindical da Federação já foram dispensados mais de 10 mil funcionários (na região existem cerca de 400 mil bancários).

A onda de desemprego começou em meados do mês passado. Como o programa de estabilização econômica do governo federal impôs restrições à especulação grotesca promovida pelos bancos, estes passaram a demitir empregados apenas para manter seus altos lucros. Por outro lado, o pacote não previu a estabilidade no emprego, abrindo brechas para esta atitude impatriótica e gananciosa dos banqueiros.

O setor bancário foi um dos que mais ganhou com a inflação elevada, cobrando altos juros e realizando inúmeras trambalgagens financeiras. Conforme admitiu inicialmente o diretor do Banco Econômico, Alberto Catharino, "o sistema bancário brasileiro era viável no sistema inflacionário. Com a inflação zero, ele se inviabiliza".

Com o pacote do governo Sarney, os bancos deixaram de roubar na correção monetária que incidia sobre os depósitos à vista e o saldo das contas de arrecadação do governo foi extinto. Além disso, houve a redução na taxa de juros. Com



Pacote econômico do governo impôs limites à especulação dos bancos.

o fim desse lucro extra, os poderosos banqueiros tentam agora reduzir seus custos com a demissão de pais de família.

REAÇÕES INICIAIS

As demissões têm gerado grande indignação da categoria. Em São Paulo, maior centro financeiro do país, já ocorreram pequenas paralisações no Bradesco e no Banco Real - este último foi o que mais demitiu na capital paulista, cerca de 700 funcionários. O objetivo do movimento sindical dos bancários é generalizar os protestos, procurando unir a categoria como um todo para reivindicar do governo a inclusão da estabilidade no pacote econômico.

No próprio governo têm havido reações contrárias à atitude dos banqueiros. Segundo Almir Pazzianotto, ministro do Trabalho, "ela tem sido vista com muito desagravo". Tanto que já se pensa em alguma medida para conter as demissões. No entanto, as propostas ainda são de apenas paliativos - como o aumento da taxa de contribuição dos bancos ao Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), que reverteria para o seguro-desemprego. "O que os bancários exigem é a estabilidade no emprego. Caso contrário, a categoria realizará uma greve geral", comenta Ederaldo de Oliveira, diretor do Sindicato dos Bancários em São Paulo.

Repressão age como nos velhos tempos em S. Paulo

Uma manifestação com cerca de duas mil pessoas, em protesto contra os contantes congestionamentos de trânsito nas pontes João Dias e do Socorro, sobre o rio Pinheiros, na Zona Sul de São Paulo, foi reprimida violentamente pela PM no dia 31. A manifestação começou por volta das seis horas da manhã na ponte do Socorro. Com faixas, a passeata saiu em direção à Administração Regional de Santo Amaro e foi engrossando progressivamente.

Mas antes de alcançar o seu objetivo os manifestantes foram dispersados por 60 homens da PM, 15 viaturas e um helicóptero. Maria Ester Nolasco conta que quando subiam a Alameda Santo Amaro, "a PM, com cães, atacou a passeata com cacetetes. No Largo São Sebastião houve nova agressão. O suplente de vereador Arnaldo Alves levou uma cassetada nas costas e tomaram o seu megafone. Eu vi um cachorro morder a perna de um trabalhador". Enquanto explicava para uma emissora de rádio os motivos da manifestação, um capitão deu ordem de prisão para Ester. Mas depois que ela denunciou que estava sendo presa, o militar voltou atrás.

Para os moradores da Zona Sul, que se dirigem para o cinturão industrial às margens do



Manifestantes se concentraram no Largo 13 de Maio após a repressão

rio Pinheiros, está-se tornando um inferno chegar ao trabalho devido ao problema de transporte. Principalmente entre as 5:30 e 8 horas da manhã se formam grandes engarrafamentos nas duas pontes que ligam a região de Guarapiranga. Muitos trabalhadores são obrigados a terminar de fazer seu percurso a pé. Um manifestante explica: "Há anos que essas duas pontes prejudicam quem trabalha - elas engarrafam todo o trânsito na região e

já teve gente que foi mandada embora do emprego por chegar atrasada. Agora, a gente quer uma solução e vai cobrar do prefeito".

É de se estranhar que mais uma vez se jogue a repressão em cima de uma manifestação pacífica, que exigia medidas justas. Isso faz lembrar os anos da ditadura e é inadmissível que um governo que se diz democrático apele para tais métodos.

Pesquisa, debate e informação

Princípios

Reitor da UCS arma golpe da federalização

Há mais de 12 anos estudantes e professores da Universidade de Caxias do Sul (UCS) são vítimas do regime autoritário e ditatorial vigente ali. Isto ocorre devido aos sucessivos golpes do atual reitor Abrelino Vazzata com o apoio das entidades mantenedoras que formam o Conselho Diretor da Universidade. Agora este mesmo conselho quer que os estudantes, professores e funcionários engulam o projeto de "federalização", como solução para todos os problemas que a UCS enfrenta atualmente.

Com o pacote econômico a universidade deixou de ter lucros astronômicos que tinha

através de juros e aplicação no open, entre outras formas. Com isso, segundo o Conselho, a UCS se tornou inviável administrativamente, contraindo um déficit de Cz\$ 8 milhões, que não pode ser coberto.

A solução que estes senhores encontraram foi a de repassar para o governo, através da federalização, todas as dívidas e outros encargos assumidos por esta administração. Porém, permanecerá todo o Conselho Diretor e o reitor à frente de seus postos. Está claro que este é mais um golpe da reitoria para que não venham à tona todas as irregularidades que praticou em nome da Universidade. Querem sair mais uma vez impunes deste

escândalo, como tantos outros ocorridos neste país.

No dia 24 de março houve uma manifestação em frente à reitoria com mais de 600 estudantes e professores. Foi entregue ao Conselho Diretor, que naquele momento se reunia, um documento assinado por várias entidades do corpo docente e estudantes, reivindicando melhorias salariais e se posicionando a respeito da federalização e a democratização da universidade.

No dia 7 de abril o presidente da UNE, Renildo Calheiros, estará em Caxias do Sul para dar a posição da entidade sobre a federalização e outros assuntos. (da sucursal)

COM
Fundação Maurício Grabois

Cerca de 140 mil docentes cariocas entram em greve

Os professores da rede de ensino do Estado e do município do Rio de Janeiro, após passarem vários meses negociando um Plano de Carreira com o governador Leonel Brizola, iniciaram na segunda-feira, dia 31, uma poderosa greve geral. A paralisação atinge 140 mil docentes, deixando vazias 4 mil escolas e sem aulas um milhão e 700 mil alunos.

Brizola tem agido com menos-prezo diante da categoria. Procura jogar a população contra os grevistas, desgastar a direção do movimento, e já anunciou que os dias de paralisação serão descontados.

Por sua vez, os professores têm aproveitado o movimento paredista para denunciar as péssimas condições educacionais, desmascarando a farsa do Ciep (Centro Integrado de Ensino Público). Brizola tem usado o Ciep como trunfo eleitoral, tanto que as poucas escolas foram construídas à beira das principais rodovias do Estado. Porém, as outras 4 mil escolas do Rio de Janeiro estão em completo abandono. A maioria delas não possui nem material didático (giz, apagador etc.).

O magistério carioca reivindica basicamente um Plano de Carreira que eleve o piso salarial de 1,8 salário mínimo para cinco; conceda gratificação por triênio; e que estabeleça os salários de acordo com o tempo de serviço e a formação profissional. (da sucursal)

Eletricitários fazem "operação padrão" em SP

Cerca de 6 mil funcionários da Eletropaulo, em São Paulo, encontram-se em "operação padrão" desde o último dia 25. Os eletricitários exigem o pagamento do adicional de insalubridade - no valor de 30% do salário. Em setembro passado, a empresa estatal havia se comprometido a conceder o adicional aos 12 mil empregados que trabalham nas áreas de risco. Mas, num gesto arbitrário, esqueceu sua promessa.

O Sindicato dos Eletricitários (filiado à CGT) tem dirigido o movimento de protesto. Os trabalhadores entram na firma, marcam o cartão de ponto, mas se recusam a trabalhar nas áreas que colocam em risco suas vidas. A "operação padrão" tem trazido grandes transtornos à empresa que já fala em reabrir as negociações. Antes ela vinha tendo uma postura arrogante. Inclusive emitiu circular ameaçando os grevistas.

Metalúrgicos da Aliperti param e obtêm vitórias

Encerrou-se no dia 29 de março a greve de três dias dos metalúrgicos da Siderúrgica J.L. Aliperti, na capital paulista. A decisão de retornar ao trabalho foi tomada em assembléia com centenas de operários, que aprovaram a contraproposta da empresa lida pela comissão de negociação composta por trabalhadores da Aliperti e diretores do Sindicato dos Metalúrgicos (filiados à CGT). Essa foi a primeira greve que parou totalmente a fábrica nos últimos 20 anos.

Os operários conquistaram um aumento real de 6% para quem ganha até oito salários mínimos e de 3% para as demais faixas salariais. A direção da empresa ainda se comprometeu a discutir a equiparação salarial num prazo de dois meses e garantiu o restaurante para os funcionários.

Os 2.500 funcionários também conseguiram o uniforme gratuitamente até 10 de julho; a redução da jornada de trabalho para 45 horas semanais; a ampliação do número de cipeiros de 11 para 20 membros; e que até agosto seja definida a criação da Comissão de Fábrica.

A greve representou um grande avanço na organização dos trabalhadores da Aliperti - empresa tristemente célebre pela repressão interna e pela enorme quantidade de acidentes de trabalho.

Operários baianos realizam protesto contra demissões

Para exigir a readmissão de 72 trabalhadores e o fim das dispensas, cerca de mil metalúrgicos da Engex, na Bahia, realizaram manifestações nos dias 31 e 1º de abril na porta da fábrica, atrasando a entrada para o serviço por mais de uma hora. Um dos chefes da empresa tentou impedir as concentrações, mas foi vaiado pelos operários.

Após os atos de protesto, a direção da firma reuniu-se com a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de Salvador (filiado à CGT), que exigiu o fim dos cortes e a readmissão imediata dos 72 funcionários. A Engex é filial da poderosa Engesa, de São Paulo.

Ela produz basicamente componentes para armamentos bélicos. Segundo denúncia do sindicato, só este ano a empresa já demitiu 105 trabalhadores. (da sucursal)

CGT organiza atos do 1º de Maio

Na quinta-feira, dia 3, a Central Geral dos Trabalhadores (CGT) realizou a primeira reunião de sua Executiva Nacional. Eleita por aclamação no Conclat, ela é composta por 17 sindicalistas. Os três membros do Conselho Fiscal também participam de suas reuniões, que deverão ser feitas mensalmente. A próxima ocorrerá nos dias 17 e 18 de abril.

Neste primeiro encontro, a Executiva da CGT tratou principalmente das manifestações do 1º de Maio. Segundo informa Renildo de Souza, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Salvador e vice-presidente regional nor-

deste da central, "a CGT decidiu convocar grandes atos públicos em todo o país para comemorar o centenário desta data histórica".

As principais bandeiras deste 1º de Maio, conforme decisão do encontro, serão: estabilidade no emprego, redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais, suspensão do pagamento da dívida externa e aplicação imediata do Plano Nacional de Reforma Agrária. Renildo explica que a questão da estabilidade no emprego "será a reivindicação prioritária, tendo em vista que o pacote econômico abriu brechas para

que os patrões demitam em massa em todo o Brasil".

Para o Dia do Trabalhador a CGT deverá divulgar uma "mensagem nacional", que será lida em todos os atos. Nela, além das reivindicações citadas, será feita uma análise do programa de estabilização econômica do governo Sarney, seguindo as deliberações do Conclat. A mensagem elogiará as medidas positivas, como o congelamento dos preços, mas fará duras críticas aos aspectos antipopulares, principalmente ao arrocho salarial e à omissão sobre o problema da dívida externa. Tratará também da importância da Constituinte,

da participação da mulher trabalhadora e expressará solidariedade aos povos em luta pela soberania.

A Executiva da CGT decidiu também batalhar pela realização de atos unitários no 1º de Maio, com a participação das demais correntes sindicais. E irá recomendar as intersindicais estaduais a realização de atos nas capitais, evitando a fragmentação de pequenos atos no interior.

ONDA DE DEMISSÕES

A reunião da Executiva ainda discutiu o problema das demissões dos bancários.

Segundo avaliação, o encontro de quarta-feira, dia 2, entre ministros e os sindicalistas bancários teve resultados limitados. "As declarações governamentais de que as dispensas no setor são irreversíveis foram rejeitadas pela CGT", diz Renildo. Para a Executiva, "é fundamental que os bancários se mobilizem para garantir a estabilidade".

No encontro, a Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura) indicou oficialmente seu representante no Conselho Fiscal da CGT. Será o combativo presidente da Fetag de Goiás, Divino Goulart.

Os lucros extraordinários do capital

Como têm se comportado os lucros do capital nos últimos anos? Sem sombra de dúvidas, muito bem. O desempenho de 52 fábricas de produtos metalúrgicos, material elétrico de comunicações, mecânica e material de transporte em Osasco e outras regiões próximas, durante os anos de 1983 e 1984, constitui uma vigorosa amostra desta verdade.

Os resultados, levantados pelo departamento econômico da Federação dos Metalúrgicos de São Paulo com base nas guias de contribuição sindical e nos balanços das empresas publicados nos jornais no ano passado, indicam que os capitalistas obtiveram ganhos realmente extraordinários.

Entre as indústrias focalizadas, a Cinpal (Companhia Industrial de Peças para Automóveis), de Taboão, apresentou, em quase todos os níveis, a melhor performance. O lucro total dos acionistas em 1984 alcançou Cr\$ 24.129.970 (ou Cr\$ 80.835.500 a preços de dezembro de 1985).

Resultados foram todos "excelentes" sob os mais variados critérios

A empresa possuía em março de 1984 apenas 571 trabalhadores; o salário médio pago na época era de Cr\$ 399.217 e o lucro líquido por trabalhador chegou a Cr\$ 176 milhões a valores de dezembro de 1985. A rentabilidade real (que é dada pela relação entre o lucro obtido no exercício com o patrimônio líquido) chegou a 70,7%, quando o índice considerado normal (ou médio) é de 10%.

O imobilizado da empresa (investimentos gerais em capital fixo, compreendendo prédios, instalações industriais, máquinas, móveis, veículos e utensílios) teve uma variação de 240,2% entre 1983/84, chegando a Cr\$ 86.501.282 a preços de 1984.

Já a Cobrasma S/A, de Osasco, maior indústria do setor na região, não deixou por menos. O lucro total dos acionistas da empresa em 1984 foi de cerca de Cr\$ 700 milhões a preços de dezembro de 1985; o lucro líquido por trabalhador, de Cr\$ 49 milhões. Na época, a empresa tinha 2.951 empregados, ganhando, em média, Cr\$ 339.992 durante o mês de



Na Cobrasma, maior indústria metalúrgica de Osasco, operários recebem minguados salários e o capital embolsa gordos lucros

março de 84. Apenas para citar alguns outros exemplos das indústrias mais importantes da região, que não deixam margem a dúvidas sobre os resultados excepcionais, a Braseixos S/A (Osasco, com 2.600 trabalhadores em 1984), apresentou em seu balanço relativo ao exercício de 84 um lucro total dos acionistas de Cr\$ 355,4 milhões; a Brown Boveri S/A (com 1.928 empregados em Março de 84), de Cr\$ 368 milhões; e a Cimaf (com 1.320 trabalhadores), de Cr\$ 163 milhões (todos esses valores foram atualizados para dezembro de 1985).

Tudo isto indica que as empresas trabalharam durante o ano de 1984 com a perspectiva de lucros extraordinários, que efetivamente alcançaram. Vários fatores explicam esses resultados, entre eles teve peso a aplicação especulativa de recursos ociosos no sistema financeiro, mas certamente o principal foi o arrocho brutal dos salários.

De fato, todas as empresas, sem uma única exceção, pagaram salários médios reais em 1984 significativamente mais baixos do que os de 1983. Deflacionando os valores de 1983 para março de 1984 conforme o índice do custo de vida medido pelo Dieese (que detectou uma variação de 182,7%), ver-se-á que a Cobrasma S/A pagava em 83 salários médios reais no valor de Cr\$ 427.000, aproximadamente, 26% superiores aos Cr\$ 339.922 recebidos pelos trabalhadores no ano seguinte.

Já na Braseixos, o valor dos

salários em 1983 era, em média, de Cr\$ 412.591 (também deflacionado conforme o índice do Dieese), enquanto em 1984 pagava apenas Cr\$ 323.493, 27,5% a menos. A Brown Boveri S/A tinha salários médios reais de Cr\$ 581.930 em 1983 e de Cr\$ 503.034, com um prejuízo para os trabalhadores de 15,6%.

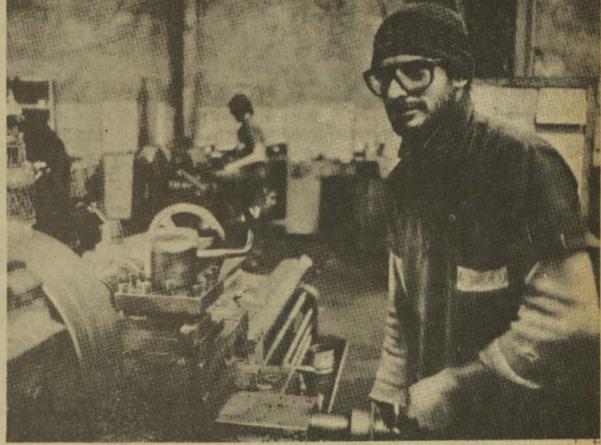
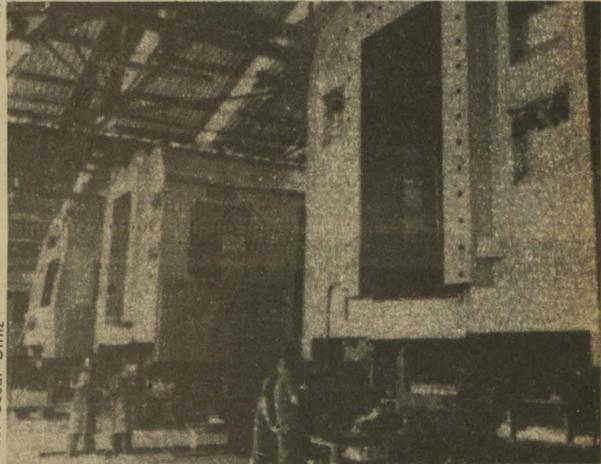
Por sua vez, a Cimaf pagava a seus empregados Cr\$ 458.625 em 1983 contra apenas Cr\$ 399.496 no ano seguinte, o que perfaz uma queda de aproximadamente 15%. Mesmo na Cinpal, onde o arrocho foi mais ameno e os salários já eram relativamente baixos, a remuneração média dos trabalhadores era de Cr\$ 407.823 em 83 contra Cr\$ 399.217 em 84, ocorrendo uma perda de 2%.

A rebaixa dos salários no período foi fruto direto, em primeiro lugar, da política de arrocho adotada pelo governo Figueiredo. Em 1983, como todos lembram, foi o ano dos sucessivos e famigerados decretos leis 2.012, 2.024, 2.045 e outros da espécie, que resultaram no aprofundamento da miséria dos trabalhadores brasileiros.

Salários rebaixados, eis o milagre que provocou o desempenho excepcional

Outro multiplicador dos lucros capitalistas foi o aumento vertiginoso dos índices inflacionários, que acarretou a diminuição do salário médio real de todas as categorias (o salário mínimo, por exemplo, que estava em 83 em 56,1% do seu valor real em 1960, passou em 1984 para o índice de 52,04%).

Finalmente, o período anterior de acentuada recessão iniciado em 1981, resultando em demissões massivas, teve reflexos negativos sobre o mercado de mão-de-obra, com excesso de oferta e depreciação geral dos salários. Fica evidente que o capital obtive lucros extraordinários, sobretudo à custa do aumento da taxa de exploração.



pesquisa realizada pelo departamento econômico da Federação dos Metalúrgicos de São Paulo é restrito, mas não deve haver dúvidas que também representa um reflexo fiel dos ganhos fabulosos que o capital em seu conjunto abocanhou durante os últimos anos.

A classe operária, que produz esses extraordinários lucros, interessa saber também qual o destino que o capital dá a essa riqueza. O perfil das indústrias situadas na região de Osasco oferece uma amostragem pálida. Em 1985 haviam 306 empresas na região, empregando um total de 34.786 trabalhadores; dessas, 51 eram estrangeiras, responsáveis por 15.375 empregados. É fácil deduzir que boa parcela do lucro foi repatriada sob as variadas formas de remessas de recursos às matrizes no exterior.

Além disto, cabe sublinhar que o reinvestimento (ou expansão) do capital dá-se, da mesma forma, seguindo os preceitos capitalistas. Isto é, a busca de maximizar os lucros. Servem, conseqüentemente, à produção e à exploração de mais-valia.

térios não entram em jogo as necessidades do povo em termos de emprego, saúde, educação etc. As riquezas produzidas pelos operários são utilizadas, ainda, para engordar os rendimentos dos acionistas.

No ano passado, a situação provavelmente foi ainda melhor, já que o período caracterizou-se por um relativo crescimento das indústrias. "De qualquer forma esses números servirão às nossas próximas negociações", observou o secretário-geral do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, Carlos Aparício Clemente. É indubitável que os trabalhadores sofreram pesadas perdas salariais nos últimos anos, enquanto os lucros do capital cresceram. "Ficará mais difícil eles negarem nossas reivindicações. Afinal, é o operário quem produz todo este lucro. Por isto, não pode se contentar em permanecer com salários baixos", acentuou Clemente.

Um retrato da exploração

NOME DA EMPRESA	LOCAL ONDE ESTÁ INSTALADA	LUCRO POR TRABALHADOR EM 84	VALOR DO LUCRO EM DEZEMBRO 88
Cinpal	Taboão	52,5 milhões	176 milhões
Açotécnica	Jandira	47,4 milhões	159 milhões
Mamoré	Pirapora	38,9 milhões	130 milhões
Arbane	Embu	35 milhões	117 milhões
Same	Jandira	32,1 milhões	108 milhões
Lonaflex	Osasco	29,7 milhões	100 milhões
Cimaf	Osasco	21,7 milhões	73 milhões
Meridional	Osasco	18,5 milhões	62 milhões
Cobrasma	Osasco	14,7 milhões	49 milhões
Brasprensas	Osasco	14,3 milhões	48 milhões
Braseixos	Osasco	13,4 milhões	45 milhões
Soltronic	Cotia	12,8 milhões	43 milhões
Condulii	Taboão	12 milhões	40 milhões
Osram	Osasco	11,7 milhões	39 milhões
Ifema	Vargem Grande	10,4 milhões	35 milhões
Ferbate	Osasco	9,1 milhões	30 milhões
Brown Boveri	Osasco	6,3 milhões	21 milhões
Multiforja	Taboão	5,6 milhões	19 milhões
Forjaço	Osasco	4,1 milhões	14 milhões

FONTE: balanços da empresa publicados em jornais

Errata

Na página da edição de semana passada, a lista de membros da Fundação Maurício Grabois estava incompleta.

CGT
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

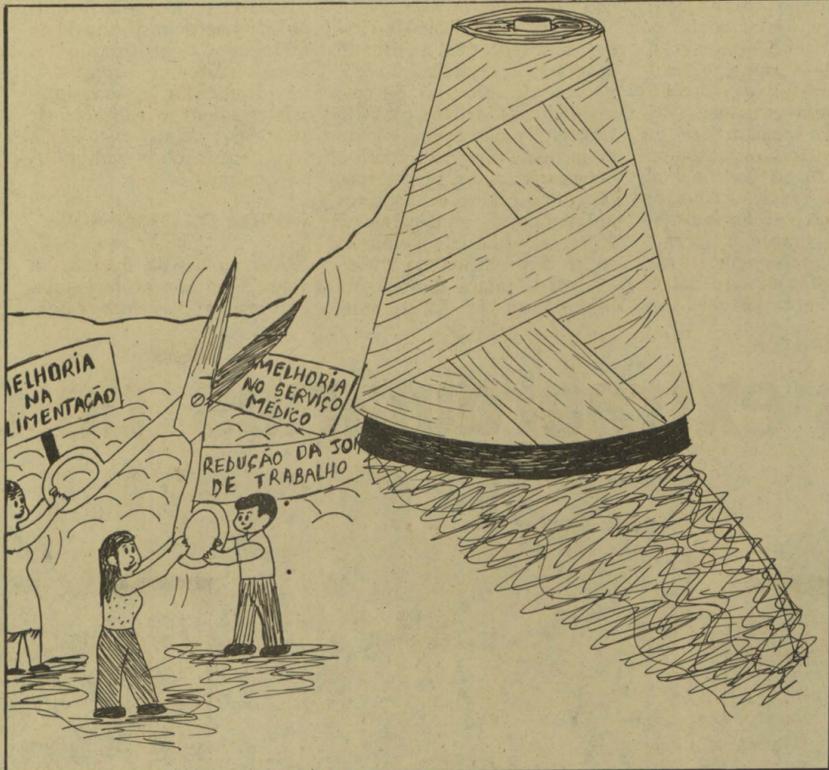
Tecelãs da Cata fazem a mais longa greve do Polo

Às 6 horas do dia 11 de março, os operários da Cata Nordeste S/A (70% são mulheres), empresa têxtil que produz tecidos e sacarias de polipropileno, pararam as máquinas, dando início à greve mais longa ocorrida no Polo Petroquímico. Furiosos, os patrões estão retendo, arbitrariamente, o pagamento dos salários do pessoal referentes a dias já trabalhados.

Há dois anos (data da implantação da empresa no Polo) que os operários vêm se queixando dos baixos salários e das precárias condições de trabalho.

Os salários pagos são vizinhos ao nosso salário-mínimo; existe apenas três turmas trabalhando em regime de turno, acarretando uma jornada de trabalho de 48 horas semanais que se estende até às 6 horas de domingo (caso inédito no Polo, pois as demais empresas trabalham com quatro turmas que se revezam entre si); o serviço médico é de péssima qualidade; a alimentação uma verdadeira porcaria e não existe um plano de cargos e salários coerente com a realidade da região. Exemplo disso é o fato de um operador II na Cata ganhar Cz\$ 1.330,00 e um operador II na Cobafi, fazendo as mesmas atividades, ganha Cz\$ 4.000,00, sendo que estas duas empresas são têxteis, localizam-se no Polo Petroquímico, uma frente à outra.

Esgotadas as tentativas de negociação, os operários partiram para a greve. Para



manter o movimento paralisado, os operários realizaram passeatas nas ruas de Camaçari denunciando a exploração patronal e buscando o apoio e solidariedade da população. Durante o dia uma comissão de operários fica na porta da fábrica, enquanto os demais se dividem em grupos para arrecadarem alimentos e dinheiro com a venda de bônus na cidade. Um outro grupo fica na delegacia sindical dos

petroquímicos articulando apoio e preparando o "feijão" para o pessoal.

No dia 27 de março os grevistas foram em caravana ao aeroporto portando faixas e cartazes para receber o ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto. Entregaram-lhe um documento denunciando a situação de miséria a que estão submetidos e pediram intervenção dele para a solução do impasse, o que até o

momento não aconteceu.

Uma nota divulgada a greve foi distribuída pelo Sinditêxtil em todas as grandes empresas do Polo, fazendo um chamado às diversas categorias a apoiarem a greve da Cata. Estamos certos de que se formos vitoriosos, nesta luta servirá de estímulo para todos os que se ergam na luta contra o arrocho salarial do pacote.

(Amigos da TO em Camaçari, Bahia)

Motoristas e cobradores obtêm mais uma vitória em Sergipe

Os trabalhadores em empresas de transportes rodoviários do Estado de Sergipe não têm dado trela às manobras dos patrões e também da direção pelega do sindicato. As primeiras lutas travadas contra os patrões e os pelegos foi no final do ano passado, quando motoristas e cobradores resolveram reivindicar 100% de aumento e conquistaram. Outra batalha foi tra-

vada no dia 3 de fevereiro, quando a categoria cruzou os braços exigindo aumento real de salário e estabilidade. Obteve vitória nos dois pontos.

Entretanto a direção do sindicato juntamente com a direção das empresas de transportes procuraram manobrar. De imediato veio a reação da categoria, que mais uma vez cruzou os bra-

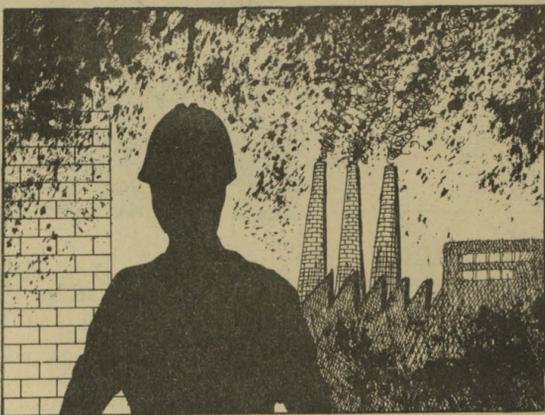
ços, dia 25 de março, exigindo o cumprimento do acordo e a reintegração dos líderes que estavam sendo demitidos da Empresa Progresso. Novamente os trabalhadores saíram vitoriosos. Após várias horas de negociação com os patrões, os trabalhadores conseguiram garantir o recebimento dos 40 por cento, conforme ficou firmado no acordo coletivo de fevereiro.

E o mais importante, conquistaram em definitivo a estabilidade. Qualquer trabalhador da Empresa de Transportes Progresso Ltda. somente poderá ser demitido por justa causa (segundo reza no artigo 482 da CLT) e todos os demitidos serão reintegrados ao corpo de funcionários da empresa. (José Araújo, membro do Conselho Nacional da CGT em Sergipe)

Gasistas de Cuiabá são superexplorados

Nós, trabalhadores da firma Copagaz de Cuiabá, do grupo Zaran, estamos cansados da superexploração a que somos diariamente submetidos. O valor real do salário nunca é registrado na carteira profissional, só cerca de 50%. Trabalhamos 14 horas por dias mas as horas extras nunca são pagas integralmente, nem os 31 dias do mês. Para tapar a fiscalização somos obrigados a bater o ponto apenas na entrada, enquanto a saída fica por conta da firma.

O uniforme é cobrado e deve ser devolvido para se receber outro novo, que também é cobrado. Qualquer pneu ou peça dos caminhões transportadores de gás que seja danificado em serviço é cobrado do motorista. Se este se recusar a pagar é mandado embora por justa causa. Um trabalhador, o sr. Wilson Manoel de Araújo, deu carona para sua esposa grávida de sete



meses no caminhão de entrega e foi mandado embora por justa causa. A firma conta para praticar estes desmandos com a conivência do Ministério do Trabalho que até o momento se manifestou sempre a favor da empresa.

Na rua, fazendo entrega de gás nas casas, são 34

caminhões com um motorista e um ajudante que são verdadeiros bóias-frias. Comem em marmitta na rua, entre uma entrega e outra, porque não podem parar para a refeição, utilizando o horário de almoço oficial (duas horas).

Nos meses de setembro a dezembro, aqui em Cuiabá, o calor passa dos 40 graus e

dentro dos caminhões o calor é tão forte que a maioria dos motoristas passa mal e alguns chegam a precisar de internação hospitalar. Apesar disso a firma não permite a instalação de ventilador nos caminhões para não furar os painéis.

Com toda esta exploração a firma ainda não se contentava e sonhava imposto. Antes do congelamento não era tirada nota fiscal dos bujões vendidos e quando houve fiscalização da Receita Federal no trevo da BR 364, próximo à engarrafadora, cinco caminhões foram detidos por não destacarem nota fiscal ao consumidor.

Todos estes fatos mostram que no capitalismo as empresas querem lucros cada vez maiores e para detê-las somente os trabalhadores se organizando em sindicatos têm capacidade de garantir seus direitos. (Trabalhadores da Copagaz, Cuiabá, Mato Grosso)

Garçons lutam por um salário digno

Nós, os garçons da Brunella, unidade da Moema, próximo ao Shopping Ibirapuera, estamos totalmente paralisados. O motivo da nossa greve é que a empresa não quer firmar acordo com o sindicato para legalizar a cobrança dos 10%. Desde a semana passada nós não recebemos os 10% do valor da nota e com isto os sala-

rios de todos os empregados foram rebaixados.

Nós recebíamos na carteira um salário-mínimo e os 10% que completavam o nosso ordenado o patrão não paga INPS. O patrão se recusa a fazer acordo e disse que vai demitir todo mundo que está em greve. Mesmo assim nós não vamos abrir mão dos nossos direitos.

Eles nos tiraram os 10% e querem que continuemos trabalhando a mesma coisa.

Trabalho de garçon há 16 anos e tenho esposa e dois filhos para sustentar. O nosso trabalho é pesado. No mínimo fazemos 11 horas de trabalho diariamente. Nos finais de semana chegamos a trabalhar até 16 horas por

dia. Como saímos de madrugada do emprego, gastamos muito com táxi. Enquanto a situação do patrão melhora a dos empregados está cada vez pior. Quando começei a trabalhar na Brunella há 4 anos o dono tinha três restaurantes e docerias e agora tem 14. (Paulo Figueira da Rocha, São Paulo, SP)

Os operários de Cata Nordeste, empresa têxtil com 70% de mulheres, decidiram entrar em greve, até agora a mais longa do Polo Petroquímico de Camaçari, na Bahia. A greve é contra os baixos salários e as péssimas condições de trabalho, relatadas na carta.



fala o POVO

Outras empresas do ramo, no mesmo Polo, pagam muito mais. Por isso a greve, que teve inclusive passeata. E os operários entregaram um documento ao ministro do Trabalho falando sobre suas condições de trabalho e o aviltamento de seus salários. Como diz a própria carta, "se formos vitoriosos, esta luta servirá de estímulo para que todos se ergam na luta contra o arrocho salarial do pacote." Boa sorte, companheiros! (Olivia Rangel)

Justiça apóia latifúndio e despeja os sem-terra

Nas proximidades de Coronel Bicaco, distrito de Campo Santo, está localizada a fazenda Santa Mercedes, que há anos vem sendo disputada judicialmente. Maria de Lourdes Brandão da Silva, após arrendar uma área de 860 hectares, conseguiu junto à "justiça, que a área fosse sua através de tramiques legais."

Claudina Pacheco, a outra litigante, está integrada ao movimento dos sem-terra da região. Através das lutas dos homens do campo entrou em contato com a Associação dos Agricultores; Homens do Campo e Trabalhadores Agrícolas de Cruz Alta, que através de uma assembléia decidiram promover a ocupação dessa área.

Na madrugada de sábado para domingo, dia 9 de março, às 3:30 horas, os agricultores chegaram à fazenda e promoviam a ocupação, apesar da resistência do capataz Brasília Marques Brasil. Após ser efetivado o acampamento de mais de 200 pessoas, o capataz foi avisar as autoridades. Logo mandaram a Brigada Militar ao local munida de uma ordem de limpeza da área, expedida na madrugada de sábado pelo mesmo poder judiciário que deferiu o direito

de posse da área em favor da latifundiária.

A Brigada Militar, órgão historicamente repressor, teve um comportamento surpreendente. Soldados e oficiais se declararam simpáticos à causa dos sem-terra, pois a maioria deles era de filhos de agricultores sem-terra e possuía pais, irmãos e parentes sem terra, vivendo explorados pelo latifúndio.

A falta de apoio jurídico, e de todos os órgãos de imprensa e associações de classe que àquela hora ainda não sabiam do ocorrido, fez com que os agricultores decidissem levantar o acampamento, em vista da sua total vulnerabilidade frente ao poder da reação. Assim a Brigada Militar levou a mudança de todas as pessoas de volta ao seu local de origem, em Cruz Alta, Panambi e Carazinho, na tarde de domingo.

Apesar disto, o fato não foi considerado um fracasso pelos agricultores, que voltaram com o moral alto e prontos para outra ocupação, desta vez com mais experiência.

(Alfredo Guinther Fell, Cruz Alta, Rio Grande do Sul)



Alunos da Belas Artes protestam contra a ditadura na faculdade

A Faculdade Belas Artes de São Paulo tem cerca de dois mil alunos e 130 professores. Ministra cursos na área de educação artística, arquitetura, desenho industrial, comunicação visual etc.

No semestre passado os professores dessa instituição de ensino reivindicaram aumento de salários, sistematicamente negados pelos mantenedores daquela faculdade.

Em função disso, deflagrou-se um movimento grevista com a duração de 59 dias, com total apoio dos alunos, que realizaram diversas manifestações de solidariedade, destacando-se o ato realizado por ocasião da abertura da Bienal, e o protesto em frente ao prédio principal da faculdade, na Av. Tiradentes.

O representante na faculdade, Sr. Paulo Antônio Gomes Cardim, Diretor Financeiro, em nenhum momento mostrou abertura para o diálogo e a negociação, sempre solicitado pela

APROBASP (Associação dos Professores da Faculdade Belas Artes), presidida pelo Prof. Ives de Freitas.

Diante da intransigência da faculdade, os alunos passaram a boicotar o pagamento das mensalidades. Vendo esvaziar os seus cofres a escola resolveu atender parte das reivindicações do professorado, garantindo verbalmente que nos próximos seis meses daria estabilidade para os participantes do movimento.

No início deste ano, todavia, o Sr. Paulo Cardim rompeu o acordo, demitindo o presidente da Aprobasp, o Prof. Ives, gerando um clima de grande revolta entre professores, alunos e funcionários.

Não contente com isso, o Sr. Cardim procura demitir mais professores, objetivando enfraquecer a Aprobasp e a crescente organização dos professores e alunos.

(Alunos da Faculdade de Belas Artes de São Paulo)

Em Altamira o povo não aceita as artimanhas dos comerciantes

Em Altamira existe todo tipo de burla às ordens do Sarney de congelar os preços. Nos frangos abatidos por preço de tabela (Cz\$18,00 o quilo), eles só tiram as penas. Isso na Só Aves. Ainda dizem que se quiserem é assim. Pernambuco Gota e Efraim foram à receita estadual e lá o funcionário disse que o dono da Só Aves já havia estado lá e explicado que esse preço é assim mesmo. Com tripa cabeça e tudo que não se come mas dá lucro desde que seja pesado. O funcionário prometeu pedir instruções de Belém pra saber se é com tripa ou sem tripa.

A lata de leite Ninho chegou a custar aqui em Altamira 45 cruzados. A tabela desapareceu. Nas ruas as pessoas dizem saber que existe armazém com 5 mil caixas guardadas. Onde está o amor e sentimento humano desses comerciantes para com nossas crianças que serão o futuro do Brasil? (Um tribuneiro de Altamira, Pará)

Os preferidos e as zebras da Copa

O Campeonato Mundial de Futebol, edição 86, a ser disputado no México em junho, não tem favoritos disparados, até aqui. Os ganhadores tradicionais enfrentam muitos problemas e a lista de possíveis zebras é maior do que nas copas anteriores.

A história das copas tem demonstrado que as zebras nunca atingem as semi-finais. Mas é comum equipes poderosas serem atropeladas por elas nas primeiras fases. Mesmo a nossa seleção, com Pelé, Tostão, Jairzinho e Gérson, em 66 na Inglaterra, foi desclassificada na primeira fase por Portugal e Hungria. Coisa que não constava nas previsões nem da torcida mais apaixonada desses países. A Itália, na campanha que lhe deu o título em 1982, escapou do mesmo vexame pela critério de saldo de gols, mas passou momentos difíceis diante de Camarões, Áustria e Peru.

A Copa de 1986 deve confirmar a tradição. É uma disputa de futebol, garra, malícia, vigor físico e sorte. Uma mini-olimpíada resumida num só torneio. É muito improvável que equipes com restrita experiência internacional e com uma estrutura semi-amadora de organização interna se saiam bem. Numa partida decisiva, a catimba e a malandragem de um goleiro experiente como Leão ou Rodolfo Rodrigues fazem tremer na base o ataque inteiro de um time mais ingênuo. Quem se lembra de Dino Zoff, naquela tarde terrível em Sarriá, em 1982 na Espanha, sabe que isto é verdade. E, inversamente, qual é o goleiro que nunca tendo saído dos pequenos estádios do seu país não se apavora com Maradona ou Rummenigge e não se abala com uma falta cobrada por Zico ou Platini?

Por esta previsão, pode-se ter como certa a eliminação, no máximo nas oitavas de finais, de Iraque, Coreia do Sul, Canadá, Argélia, Irlanda e Marrocos.

CANDIDATOS AO TÍTULO

Do pelotão intermediário pode-se esperar de tudo. O México joga junto à sua torcida, e é o mais perigoso. União Soviética e Polônia têm a seu favor a vantagem de irem ao mundial com o mesmo plantel usado nas disputas amadoras, o que lhes dá a

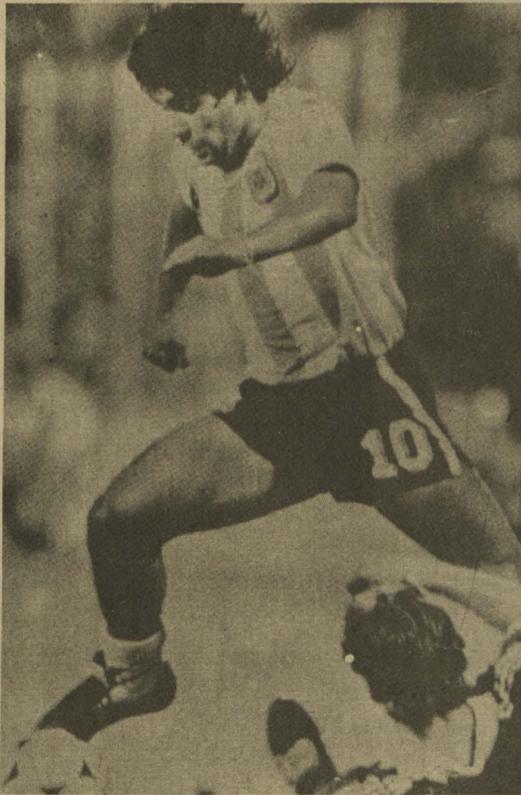
tranquilidade de uma preparação mais sólida e cuidadosa. Paraguai não pode ser esquecido por sua conhecida garra. E na chave disputará a vaga com México e Bélgica, tendo boas chances de sucesso. Escócia, Portugal e Dinamarca irão ao México para cumprir tabela e, chegando às quartas de final, já terão justificado a passagem. Nenhum teve boa campanha no campeonato europeu de seleções do ano passado e ganharam a vaga nas últimas rodadas da eliminatória.

A lista de candidatos ao título é arriscada. Mas não foge muito, por lógica e tradição, do grupo restrito dos que já lograram levantar um dos doze títulos mundiais disputados. Brasil, Uruguai, Argentina, Itália, Alemanha e Inglaterra lideram o bloco completado por França, Espanha e Hungria.

A situação é parelha entre os graduados. O Brasil nada fez no ano passado. Não treinou, não jogou, não tinha técnico, não tinha convocados, e os cartolas brigavam para dominar o comando da seleção. A nossa preparação começou e se desenvolveu com muitos problemas de contusões e desencontros técnicos.

Não somos porém os únicos infelizes. A Argentina, com Maradona e Passarella, iniciou a sua preparação levando uma bordoada da França em Buenos Aires, que não trouxe Platini, contundido na coxa. O Uruguai treina desde o final do ano passado. Mas sem suas estrelas que atuam fora do país, como Dario Pereira, Rodolfo Rodrigues e Diogo, que somente no início de abril se integraram no elenco de convocados. A Itália, depois de 1982, iniciou uma série de fracassos que culminou com sua eliminação do campeonato europeu na primeira fase de disputas. A Alemanha e Inglaterra jogam em grupos médios, e mesmo com cotação em baixa, devem atingir as oitavas de final. Como as demais equipes deste bloco, são das que crescem no decorrer do torneio.

Nunca um país europeu ganhou uma copa nas Américas, e vice-versa. A



Maradona (acima) reforça a seleção da Argentina; Platini, o melhor do mundo



França lidera as apostas na Bolsa de Londres, que era ponteadada pelo Brasil antes das derrotas contra Alemanha e Hungria. Ganhou com brilhantismo o campeonato europeu e tem o genial futebol de Platini, o melhor jogador do mundo atualmente. A Espanha, no ano passado, só perdeu da França nas finais da copa europeia, e no seu último amistoso arrasou a Polônia por 3 x 0. Hungria fecha o desfile dos prováveis campeões com um time jovem e voluntarioso. Foi também a primeira seleção europeia a conquistar a classificação e seguramente será atração na Copa.

Em dois meses não se faz milagres

em futebol. Quem melhor souber retocar esta fase final de treinamento chega lá. Mas a vantagem é dos que já entra-

ram no ritmo. Franceses, húngaros e espanhóis trabalham na frente. (J. Madureira)

Mestres e alunos pelo fim da Moral e Cívica

O ministro da Educação, Jorge Bornhausen, propôs ao presidente José Sarney, no dia 25, a extinção da Comissão Nacional de Moral e Cívico, criada em 1969 para implantar a disciplina Educação Moral e Cívica nas escolas. No ano passado uma comissão do MEC havia sugerido a extinção da disciplina Moral e Cívica, reivindicada por professores e alunos.

Bornhausen ainda não se comprometeu com a extinção da disciplina, considerada pelo próprio grupo de consultores de Geografia e História da Secretária de Educação Superior do MEC como de "caráter exclusivamente político e doutrinário, sendo despojada de qualquer fundamentação científico-pedagógica". O grupo constatou que a Moral e Cívica deriva-se da doutrina de segurança nacional e faz propaganda do regime de excessão sob o aspecto ideológico.

A professora Ângela Maria Martins, diretora da Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo, destaca que "a partir da lei 5.692 de 1971, ditada do general Médici, o ensino de 1º e 2º graus e universitário assumiu um caráter tecnicista, e foi dada ênfase à Educação Moral e à Organização Social e Política do Brasil, que tinham eixos no desenvolvimento da cidadania. E o conceito de cidadania era o do brasileiro dócil aos poderosos, obediente, cumpridor de seus deveres e sem questionar os seus direitos. Ao tempo que isso acontecia, as matérias das chamadas Ciências Humanas perdiam espaço. Os professores que lecionavam Moral e Cívica tinham que apresentar atestado ideológico do Departamento

de Ordem Pública e Social. E tinham que encucar nos alunos a noção de que 'a sociedade é feita de leis que devem ser cumpridas e não discutidas'. Algo de caráter fascista".

O presidente da União Municipal dos Estudantes Secundaristas de São Paulo (UMES), Marcos Leodoro, chama atenção para o fato de que "o conteúdo dessa matéria é extremamente reacionário. E o professor de Moral e Cívica é também, geralmente, o orientador do Centro Cívico. Nós, estudantes, queremos um ensino crítico, que ajude o aluno a entender melhor a realidade em que vive. Queremos o fim da Educação Moral e Cívica e reivindicamos mudanças dos currículos escolares, para que atendam os interesses dos estudantes".

Lilian Martins, professora de Moral e Cívica, questiona: "Qual o civismo que é ensinado? O da caserna, tradução dos ideais da Doutrina de Segurança Nacional. E qual a moral? Conservadora, em que as mulheres são seres domésticos, e a sociedade é imbuída dos valores burgueses e religiosos conservadores. Um mundo fechado, sem questionamento".



O "civismo" ensinado nas escolas é o da caserna, com muitos deveres e sem direitos

Lilian destaca que "parte do magistério implementou nas salas de aula aquilo que o regime militar determinava. Mas outra parte, a mais envolvida nas lutas da categoria, promovia nas aulas de Moral e Cívica debates críticos sobre temas de conscientização. Isso continua a ser feito, principalmente nas áreas de História e Geografia".

LIVROS — REVISTAS — POSTERS — PORTAIS — DISCOS — CAMBETAS — EXPOSIÇÕES
Livros em 3 vezes sem acréscimo

ARE PAU BRASIL
ESPAÇO ALTERNATIVO

RUA VERGUEIRO, 923 - PARAÍSO - SP
(FRENTE AO CENTRO CULTURAL SP)
Fone: 279-9147 - CEP 01504
SEG. A SAB. 10 AS 23 HS.
DOM. 16 AS 23 HS.



Doutrina militarista inspira as aulas

Tribuna Operária

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista - São Paulo - CEP 01318

Teléfono: 36-7531 (DDD 011)

Jornal: 01132133 TLOBR

Informações Respostáveis: Pedro de Oliveira

Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Jofilly, Rogério Rangel

ACE - Rio Branco: Edifício Felício Abrahão 2º andar sala 32 - CEP 69000

ALAGOAS - Arapiraca: Praça Luis Pereira Lima, 237, sobreloja, CEP 57000, Maceió: Rua Cincinato Pinto, 183 - Centro - CEP 57000

AMAZONAS - Manaus: Rua Simom Bolivar, 231, (ant. Praça da Saudade) - Caixa Postal 1439 - Rua João Pessoa, 53, São Lázaro, Telefone: 237-6644 - CEP 69000

BAHIA - Camaçari: Rua José Nunes de Matos, 12 - CEP 42800

FÉRA de Santos: Av. Senhores dos Passos, nº 1399 - 2º andar - sala 1415 - CEP 44100

Itabuna: Av. do Cinqüentenário, 928, 1º andar sala 1 - Centro - CEP 45600

Itapetininga: Av. Santos Dumont, 44, 1º andar - Centro

Juazeiro: Rua Américo Alves, 6-A - CEP 44060

Parangaba: Rua Pereira Moacir, 96 - CEP 47500

Salvador: Rua Conselheiro Junqueira Ayres, 41 - Barris - CEP 40000

Simões Filho: Praça 7 de Setembro (pré-dio da antiga Cimesf) - CEP 43700

DISTRITO FEDERAL - Brasília: Edifício Venâncio IV, sala 312 - CEP 70302

CEARÁ - Fortaleza: Rua Barão do Rio Branco, 1809 - Centro - CEP 60000

IGUAÇU: Rua Floriano Peixoto, 408, 2º andar - CEP 63500

Sobral: Av. Dom José, 1236, sala 4 - CEP 62100

ESPIRITO SANTO - Cachoeiro do Itaipemirim: Praça Gerônimo Monteiro, s/n, sala 2 - Centro - CEP 29300

Vitória: Rua Duque de Caxias, 112, Edifício Aguirre, sala 15 - CEP 29000

GOIÁS - Goiânia: Rua 3, nº 380, casa 6 - Centro - CEP 74000

ANÁPOLIS: Rua 14 de Julho, 821 - Centro - CEP 77100

MARANHAO - São Luís: Rua do Egito, 76 - Centro - CEP 65000

MATO GROSSO - Cuiabá: Rua Comandante Costa, 548 - Fone: 321-5095 - CEP 78000

MATO GROSSO DO SUL - Campo Grande: Rua Antônio Maria Coelho, 1152, 1º andar, sala 15 - CEP 79100

MINAS GERAIS - Belo Horizonte: Rua Padre Belchior, 285 - Centro - Fone: 224-7605 - CEP 30000

PARÁ - Belém: Rua Manoel Barata, 993 - CEP 66000

PARAÍBA - João Pessoa: Praça 1817, nº 116, 2º andar - Centro - CEP 58000

Campina Grande: Praça da Bandeira, 117, 1º andar - Centro - CEP 58100

PARANÁ - Curitiba: Rua Comendador Fomara, 88, Fone: 253-7961 - CEP 80000

Londrina: Rua Sergipe, 984, sala 206, 2º andar - CEP 86100

PIAUI - Teresina: Rua Barroso, 144-N, 1º andar, sala 4 - CEP 64000

PERNAMBUCO - Cabo: Rua Vigiário Batista, 236, CEP 54500

Garanhuns: Rua Dantas Barreto, 5, sala 1 - Centro - CEP 55300

Recife: Rua do Sossago, 221, Boa Vista - CEP 50000

RIO GRANDE DO NORTE - Natal: Av. Deodoro, 776 - Fone: 311 - CEP 59000

RIO GRANDE DO SUL - Porto Alegre: Rua dos Andradas, 1204, 3º andar, sala 3 - CEP 90000

Bento Gonçalves: Rua Dr. Casa grande, 58 - CEP 95700

CANOA: Rua Tiradentes, 130 045 - CEP 93000

Caxias do Sul: Rua Bento Gonçalves, 2048 - CEP 95100

Pernambuco: Rua Andrade Neves 1589, sala 403 - CEP 96100

Cachoeirinha: Av. Flores da Cunha, 1235, sala 20 aberto depois das 18 horas e aos sábados das 9 às 12 horas

Santa Maria: Rua Dr. Bozano, 1147, sala 410 - Centro - CEP 97100

RIO GRANDE: Rua Gen. Vitorino, 746-A - CEP 96200

ULTRAMAR: Rua 15 de Novembro, Edifício Nelson Luchese, s 23, 2º andar

RIO DE JANEIRO - Rio de Janeiro: Rua Evaristo da Veiga, 16, sala 504 - CEP 20000

Niterói: Av. Amaral Peixoto, 370, sala 808 - Centro - CEP 24000

Duque de Caxias: Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - CEP 25000

Nova Iguaçu: Travessa Renato Pedroso, 31, sala 319 - CEP 88000

SANTA CATARINA - Florianópolis: Praça XV de Novembro, 21, sala 705 - CEP 88000

SÃO PAULO - Americana: Av. Dr. Antônio Lobo, 281, sala 6 - CEP 13470

Campinas: Rua Senador Saravali, 448, Fone: 2-6345 - CEP 13100

Marília: Rua Dom Pedro, 180 - CEP 17500

Osasco: Rua Ten. Avelar Pires de Arcevalo, 26, 2º andar, sala 12 - CEP 06000

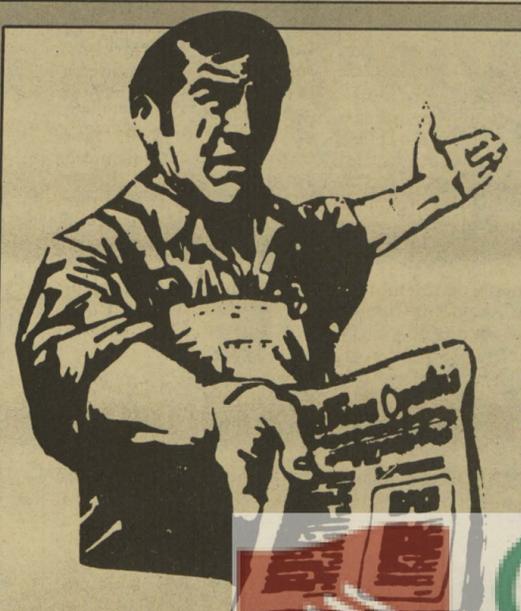
São Carlos: Av. São Carlos, 2119, Caixa Postal 533 - CEP 13560

Taubaté: Rua Anísio Ortiz Monteiro, 41 - CEP 12100

São José dos Campos: Rua Vilca, 195, 1º andar, sala 19 - CEP 12200

Guarulhos: Rua Padre Celestino, 42, sala 8, 2º andar - CEP 12200

SERGIPE - Aracaju: Av. Rio Branco, Edifício Ovídio Teixeira, sala 1220 - CEP 49000



Faça cinco assinaturas da Tribuna Operária e ganhe uma de brinde! Colabore para o fortalecimento da imprensa operária

X Sim, eu quero receber a Tribuna Operária. Envio junto com este cupom um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., pela seguinte opção de assinatura:

Anual (52 edições) Cz\$ 260,00

Anual popular (52 edições) Cz\$ 130,00

Semestral (26 edições) Cz\$ 130,00

Semestral popular (26 edições) Cz\$ 65,00

Trimestral (13 edições) Cz\$ 33,00

Anual para o exterior (dólares) US\$ 70

Nome:

Endereço:

Bairro:

Cidade: CEP:

Estado:

Profissão:

Data:

CDM

Endereço a carta com seu pedido de assinatura para a Editora Anita Garibaldi Ltda., Rua Barão do Rio Branco, 53, Bela Vista, São Paulo, CEP 01318.

Fundação Maúncio Gracioso

Greve contra calote do Metrô

Os metroviários paulistas deram mais um exemplo de unidade, organização e combatividade ao realizarem três dias de greve com um índice de praticamente 100% de paralisação. Os trabalhadores protestaram contra o calote dado pela empresa, que recusou-se a pagar 26% do abono de 51% conquistado pela categoria em novembro do ano passado. A pretexto de que isso se contraporia ao Plano de Estabilização do governo, o presidente da Companhia do Metropolitano de São Paulo, Walter Nory, fez de tudo para jogar a população contra os metroviários. Não conseguiu. Apesar do incômodo causado pela falta de metrô, o povo não apoiou o calote da empresa.

O motivo da greve não podia ser mais justo. Em novembro do ano passado, os metroviários conquistaram um abono de 51%, a ser pago em duas prestações, de 25 e 26%, em janeiro e fevereiro. O abono, não incorporado aos salários, referia-se às perdas da categoria de dezembro de 1985 a fevereiro deste ano. Portanto, não se justifica o argumento da diretoria do Metrô de que o abono cobria perdas futuras.

A primeira parcela foi paga em 28 de fevereiro. A segunda foi incorporada ao vale de 17 de março. Mas os metroviários tiveram uma surpresa desagradável ao receber o salário no dia 31 de março: o abono de 26% foi descontado, sem discussão e sem aviso. Com isso muita gente não recebeu nada. Alguns ficaram inclusive devendo para o Metrô!

A revolta foi geral. E a proposta de greve, já discutida em assembléia após o I Congresso dos Metroviários, frente à possibilidade de não pagamento do abono, ganhou força. Nem foi necessário realizar nova assembléia. Apenas o comando de greve composto por 150 metroviários reuniu-se no Sindicato para discutir um plano de ação durante o movimento.

Desde o início os metroviários paulistas deixaram bem claro que a paralisação não era contra o pacote do governo e sim contra o calote da empresa, que procurou confundir a população.

Apoiada na grande imprensa, em particular a escrita, com respaldo do governo estadual e do Planalto, a direção do Metrô falseou a interpretação do pacote e do acordo. Procurou por todos os meios convencer os usuários de que a greve era contra o pacote, em comunicado publicado nos principais jornais da cidade.

Como a medida não logrou êxito, os metroviários foram obrigados a enfrentar patéticas declarações do governador Franco Montoro e do ministro Dílson Funaro nos jornais e

na televisão, chamando os grevistas de antipatriotas. Uma greve de 6 mil metroviários realizada na cidade de São Paulo pelo pagamento de um abono acertado com a empresa quase três meses antes do pacote foi tratada desonestamente como uma manifestação antipacote e antigoverno.

Mas a categoria, em carta aberta à população, explicou: "Compreendemos o momento presente da nação e não pretendemos provocar nenhum confronto, pois somos os maiores interessados na liberdade. Sabemos também que medidas como o congelamento dos preços contidas no pacote econômico do governo Sarney vêm de encontro aos anseios do povo e nesse sentido já temos os 'Comandos metroviários contra a carestia' para fiscalizar os preços ao longo da linha do metrô.

"Não é nossa intenção prejudicar a vida da população. Mas queremos que a Companhia do Metropolitano de São Paulo pague o que nos é devido. O abono que conquistamos através de muita luta em novembro do ano passado. Não estamos com isso ferindo os objetivos do Programa de Estabilização econômica do governo Sarney, pois o pagamento desse abono se refere às perdas ocorridas no salário durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro".

A população entendeu e apoiou o movimento, tanto em telegramas ao Sindicato quanto na passeata (veja matéria nesta página). Diante disso, o recurso truculento do governo foi considerar a greve ilegal. Sem avaliar o mérito da questão, o TRT pronunciou-se por 5 votos e 2 abstenções pela ilegalidade do movimento. Mais uma vez a Justiça provou que é cega. Cega no sentido de que não consegue enxergar o óbvio. Mas tem faro para estar sempre ao lado do patronato, como ocorreu desta vez.

Com a decretação da ilegalidade e diante do cerco do governo estadual e



Acima, metroviários decidem prosseguir o movimento; ao lado, a presença ativa e solidária da CGT na passeata

federal, os metroviários decidiram em assembléia retornar ao trabalho a partir de 0 hora do dia 4, desde que não haja nenhuma punição. E decidiram mostrar o apoio de outros setores numa assembléia pública com a presença de partidos políticos, parlamentares, sindicalistas e representantes de entidades. "Não voltamos de cabeça baixa - afirmou Maurício, membro do comando de greve. Demos uma lição de organização e capacidade de luta. Vamos voltar para o trabalho, mas ganhamos o apoio do povo e desmascaramos a diretoria da empresa".

Cláudio Spicciati, presidente do Sindicato, afirmou que a greve se encerra com um ato "de agravo contra a diretoria do Metrô. Os diretores da empresa serão a partir de agora considerados 'persona non grata' no metrô. E não aceitaremos punições de espécie alguma".



Foto: Yone Simidzu

Povo repudiou rompimento do acordo com metroviários

Embora enfrentando dificuldades para ir trabalhar e para se locomover na cidade, a população aceitou as razões dos metroviários para a paralisação. Como afirmou um dono de uma banca de frutas da Benjamin Constant, no centro da cidade, "foi difícil chegar aqui. Mas trabalhador tem que defender seus direitos. E eles não estão contra o congelamento".

No decorrer da passeata de 6 km entre a sede do sindicato e o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, onde se realizou uma assembléia da categoria, no segundo dia de paralisação, os metroviários tiveram oportunidade de sentir a reação do povo. Houve quem reclamasse e até provocasse os trabalhadores. Mas a maioria jogava papel picado dos prédios e aplaudia a caminhada.

Uma dona de casa, trabalhadora

aposentada, com cerca de 50 anos e que se identificou como Rosa, disse que era contra a greve, porque eles (metroviários) são contra o pacote. Quando foi informada de que a exigência era o pagamento de um abono conquistado em novembro, falou: "Então risca aí o que eu disse, minha filha. Apóio a luta deles...".

Antônio Farias, motorista do Banespa, fez questão de declarar que mesmo chegando atrasado no trabalho por causa do congestionamento, era "a favor dos metroviários. Compromisso é compromisso. E quem rompeu foi o Metrô". Rita Dias de Melo, dona de casa, usuária do metrô, também enfrentou dificuldades para chegar ao centro da cidade. Mas apoiou a greve. "Sou pelo congelamento - disse. Mas quem está contra é o Metrô, que rompeu o acordo. Acho que eles (metroviários) têm razão".

Farmacêuticos de uma drogaria da Sé saíram para aplaudir a passeata do segundo dia de greve dos metroviários. Com medo de se identificar para não perder o emprego, preferiram dizer que todo o mundo lá estava com os grevistas. "Final - disse uma balconista - os trabalhadores é que sabem onde o calo aperta".

Uma auxiliar de trânsito do DSV resolveu não multar os motoqueiros que acompanhavam a passeata. "Se eles são metroviários e estão lutando pelos direitos deles, não vou multar" - disse.

O proprietário do bar Café Ribeiro, também usuário do metrô, disse que a reivindicação dos metroviários é justa, e por isso apoiou o movimento. Um operador de tv da Rede Manchete também considera o movimento justo, "porque acordo é acordo. Quem rompeu é o responsável pela greve".

O cartaz mostra que a greve foi contra o calote do Metrô e não contra o pacote econômico; holerit mostra que desconto do abono deixou o trabalhador à mingua; só restou o salário-família para viver um mês...

PROVENTOS		DESCONTOS	
SALARIO	5353,00	ADIAN QUINZENAL	2671,71
SALARIO FAMILIA	80,40	CONT. SINDICAL	178,43
ANT. INSUF. SALDO	105,83	IMP. RENDA	43,81
GTS QUINQUENIO	267,65	INPS	505,86
		PENSAO JUDICIAL	592,56
		ASSIST. MED. HOSP.	1059,45
		REFEICOES PATIO	70,46
		SEG. VIDA GRP. N.	23,62
		SEG. ESPOSA N.	11,36
		EMPREST. CEF.	84,53
		MENSAL. SINDICAL	20,00
		FARMACIA	11,15
		TELEFONEBAS	3,94
		VALES SINDICATO	449,69
TOTAL	5.806,88		

Apoio ativo da CGT aos trabalhadores em greve

O Sindicato dos Metroviários filiou-se recentemente à Central Geral dos Trabalhadores, CGT, por decisão da categoria em congresso. E a CGT não decepcionou a categoria nesta greve. Representantes da central estiveram presentes durante todo o movimento, fornecendo ajuda material e política aos grevistas.

Elizabeth Tortolano, da Secretaria de Assuntos da Mulher da entidade em São Paulo, considerou que a luta dos metroviários deixou de ser encarada pelos governos estadual e federal como reivindicação econômica e passou a ser considerada como um atentado ao Plano de Estabilização Econômica. "Patriótica, porém - disse ela - é a usurpação de uma conquista dos tra-

balhadores, e não a luta para assegurá-la. A CGT deu todo apoio ao movimento grevista dos metroviários porque acredita na unidade do povo como bandeira para derrotar as imposições do imperialismo e seus aliados".

Também teve participação ativa na greve o presidente da CGT em São Paulo e presidente do Sindicato dos Aeroviários, Osvaldo Ribeiro, que procurou inclusive abrir um outro canal de negociação com o governo, juntamente com o deputado federal Aurélio Peres, do PC do B.

O 1º Secretário nacional da CGT, Sérgio Barroso, também acompanhou o movimento, ao lado do médico Jamil Murad, secretário-geral da entidade em São Paulo.

Exemplo de organização durante a paralisação

A paralisação dos metroviários atingiu 100% nos setores essenciais, como operacional e manutenção, e 80% na administração. No segundo e terceiro dias de greve o índice de paralisação nos setores administrativos subiu para 90%.

"Organizamos piquetes" - declarou Wagner, membro do comando de

greve. "Ocorre que devido à organização da greve o papel deles mudou. Na prática, distribuímos folhetos para a população explicando as razões da paralisação. Nossos companheiros já estavam convencidos".

De fato, em todas as estações de metrô e nos pátios de Santana e Jabaquara, grupos organizados pelo comando de greve não precisaram convencer seus colegas de trabalho. Atendendo ao chamado do Sindicato, quase ninguém foi trabalhar. Em compensação a sede da entidade estava lotada de gente que queria ajudar na paralisação. Embora de formação recente, a categoria tem tradição de mobilização. O Sindicato foi fundado em 1978. Em 1982 ocorreu a primeira manifestação em frente à sede do Metrô. Em 1983 houve a paralisação de uma hora durante a campanha salarial. Em 10 de maio do ano passado, nova paralisação por reivindicações salariais. Em 12 de novembro houve greve de 24 horas e no dia 14 liberaram todas as catracas transportando gratuitamente cerca de 250 mil pessoas. No dia 3 de maio do ano passado o metrô foi totalmente paralisado na campanha salarial. Agora, mais uma vez a categoria dá um exemplo de capacidade de mobilização e luta por suas reivindicações.

Essa mobilização reflete o índice de sindicalização dos trabalhadores, que é de 80%. O Sindicato representa 100% da categoria. (Olivia Rangel)

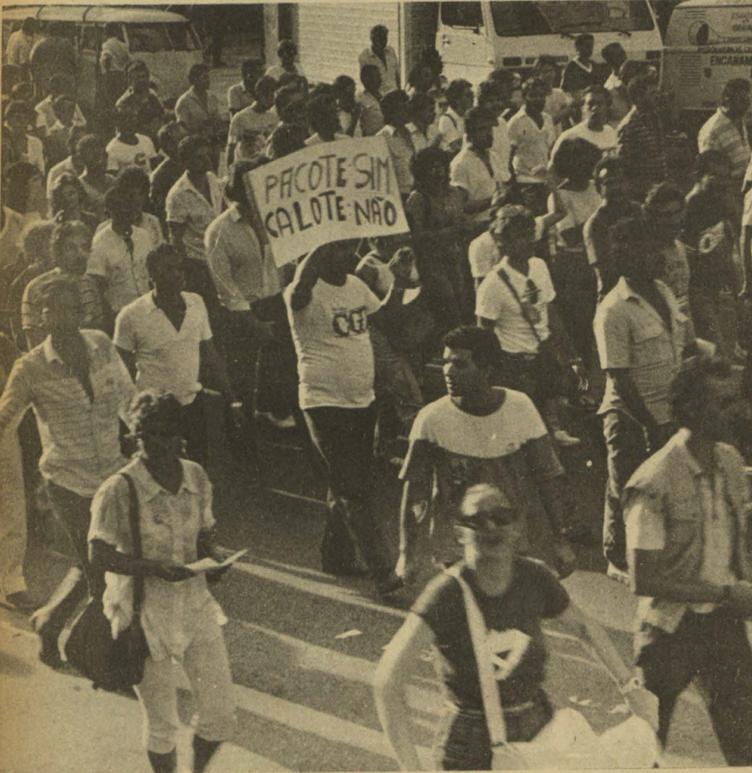


Foto: Yone Simidzu

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois